

CÂNDIDO

#87 | OUTUBRO DE 2018 www.candido.bpp.pr.gov.br JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



IGNÁCIO TOTAL

Após 12 anos, Ignácio de Loyola Brandão volta ao romance e aos temas distópicos que consagraram seus livros mais emblemáticos

EDI TO RIAL

Aos 82 anos, Ignácio de Loyola Brandão (foto) segue atento ao *zeitgeist*, mas prefere olhar para o futuro. Seu novo livro, *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra*, leva às últimas consequências temas que já nos assombram no tempo presente: corrupção, ultra vigilância, falta de privacidade, a ruína total do ensino, aquecimento global, pedofilia, crimes hediondos, a derrocada das relações sociais, a desesperança na democracia, etc. Um romance atualíssimo e, ao que tudo indica, atemporal como *Zero* e *Não verás país nenhum*, livros incontornáveis da literatura brasileira e que dialogam em linguagem e temática com a nova obra do autor.

É sobre o seu novo livro, o primeiro romance em 12 anos, o Brasil e o mundo que Loyola Brandão fala na reportagem do jornalista Rodrigo Casarin, destaque desta edição. O escritor também repassa sua carreira literária, os livros marcantes e as motivações que o fizeram se dedicar à escrita em um país de pouquíssimos

leitores. Casarian também colhe depoimentos de autores que foram influenciados pela obra do autor de *Bebel que a cidade comeu*.

Outro grande nome da literatura brasileira, o poeta Paulo Henriques Britto, também marca presença na edição. Convidado de julho do projeto Um Escritor na Biblioteca, ele conversou com o tradutor Christian Schwartz sobre sua carreira e obra.

Na série Os Editores, a entrevistada é Isa Pessoa, que nos anos 1990 atuou como diretora editorial da Objetiva e emplacou diversos livros de nomes importantes da literatura do país na lista de mais vendidos.

Na coluna Pensata, o tradutor Caetano Galindo analisa o ensaio “E unibus pluram: television and U.S. Fiction”, em que o escritor David Foster Wallace critica o uso da ironia na ficção e na publicidade. Em outro texto crítico, o também tradutor e escritor Paulo Polzonoff Jr. reflete sobre o pessimismo na obra de Philip Roth, autor morto este ano e que deixou um vasto legado.

Outro destaque é programação da 2ª Flibi (Festa Literária da Biblioteca). Realizado entre 22 a 27 de outubro, o evento acontece durante a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca com palestras, bate-papos, oficinas, apre-

sentações de música e teatro. São mais de 60 convidados. Este ano, o escritor homenageado é Jamil Snege (1939–2003), que estreou na literatura há 50 anos com o livro *Tempo sujo* (1968). O curador da Flibi é o escritor e jornalista Marcio Renato dos Santos. Toda programação tem entrada franca.

Entre os textos inéditos, a 87ª edição do **Cândido** publica poemas de Domingos Pellegrini e Luiza Mussnich e um trecho do novo romance do escritor Edilson Pereira. A ilustração da capa é assinada pelo artista visual Samuel Casal.

Boa Leitura!



CARLA FORMANECK

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL
DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: **Rogério Pereira**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**

Coordenação Editorial: **Rogério Pereira e Luiz Rebinski**.
Redação: **Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy**.
Estagiários: **Daniel Tozzi e João Lucas Dusi**.

Diagramação: **Thapcom.com**

Colaboradores desta edição:

Alvaro Costa e Silva, Carla Formanek, Caetano Galindo, Daniel Ramalho, Domingos Pellegrini, Edilson Pereira, Harini Kanesiro, Kraw Penas, Luiza Mussnich, Paulo Polzonoff Jr., Rodrigo Casarin e Samuel Casal.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br
— (41) 3221-4974

Cândido pela internet:

📄 candido.bpp.pr.gov.br
📖 [/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

📄 bpp.pr.gov.br
📖 [/bpppr](https://www.facebook.com/bpppr) [@/bpppr](https://twitter.com/bpppr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento
Segunda a sexta: 8h30 às 20h.
Sábado: 8h30 às 13h.

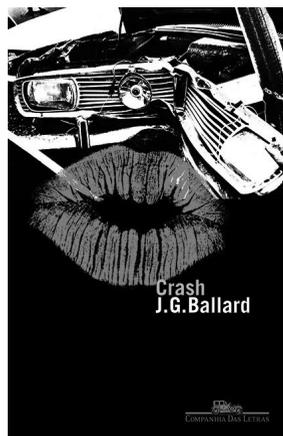
Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

cândido indica

CRASH

J.G. Ballard, Companhia das Letras, 1973
(Tradução: José Geraldo Couto)

Crash representa, em várias medidas, a loucura que o pós-modernismo e a cultura pós-industrial trouxeram a reboque à sociedade do século XX. A galeria de tipos apresentadas por J.G. Ballard neste romance publicado em 1973 poderia facilmente estar escalada em qualquer hospital psiquiátrico. No centro da trama está Robert Vaughan, um obcecado por acidentes automobilísticos e práticas sexuais que reproduzem cenas de desastres envolvendo carros. Mas há outros tipos tomados pela perversão, como um dublê que reedita acidentes fatais sofridos por celebridades. *Crash* é o ponto mais alto da carreira de um autor acostumado a produzir grandes obras.

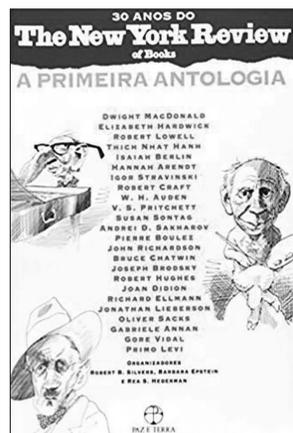


30 ANOS DO THE NEW YORK REVIEW OF BOOKS

Robert Silvers e Barbara Epstein, Paz e Terra, 1997

Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa

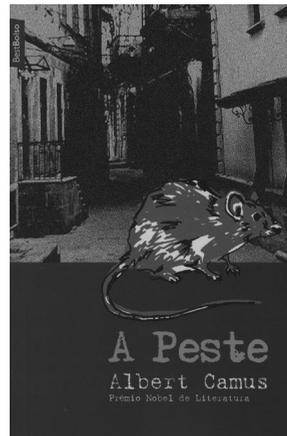
Esta é a primeira coletânea de textos publicados no suplemento literário *The New York Review of Books*. Trata-se de uma amostra do que de melhor o jornal americano publicou em seus primeiros 30 anos. O time de autores e a variedade de textos presentes no livro dá o tom da importância da publicação: Robert Hughes escrevendo sobre Andy Warhol, Joan Didion em artigo sobre El Salvador e Susan Sontag com um aperitivo de um de seus ensaios mais célebres sobre a fotografia.



A PESTE

Albert Camus, BestBolso, 2008
(Tradução: Valerie Rumjanek)

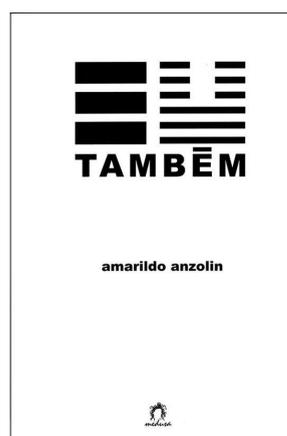
A cidade de Orã é devastada pela reaparição da peste bubônica. O caos, prenunciado pelo surgimento de ratos mortos nas ruas e nas casas, se instaura quando pessoas começam a morrer de maneira exponencial. As fronteiras são fechadas e, presos em meio à doença, os cidadãos precisam superar o egoísmo e o embotamento para contornar a situação. Através do Dr. Bernard Rieux, do jornalista Rambert, do padre Paneloux, entre outros personagens, o francês Albert Camus — Prêmio Nobel de Literatura de 1957 — constrói uma narrativa dolorosa porque humana, abordando temas como solidão, empatia, ateísmo e suicídio.



EU TAMBÉM

Amarildo Anzolin, Editora Medusa, 2003

A forte sonoridade dos versos deste que é o segundo livro do curitibano radicado em São Paulo Amarildo Anzolin corrobora a proposta do autor: recobrar o som e o ambiente existentes antes mesmo da própria poesia, da palavra. A obra, considerada por Anzolin seu ingresso no universo da tradição oral, se equilibra entre o mundano, com referências e imagens do cotidiano, e reflexões desencantadas sobre a condição humana. A melancolia dos versos, porém, é consequência de constatações frias acerca do homem, e não necessariamente de uma visão pessimista: “corpo é corpo/ mesmo com/ gravata no pescoço”, ou “o homem/ de antes/ das coisas/ das contas/ vale/ o mesmo/ que o homem/ de agora/ e de sempre”.



curta da BPP

DIVULGAÇÃO



BATE-PAPO COM ALICE RUIZ

A convidada de outubro do projeto Um Escritor na Biblioteca é a poeta e letrista curitibana Alice Ruiz. O bate-papo, mediado pelo jornalista José Carlos Fernandes, acontece no dia 9, às 19h30, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná, com entrada gratuita. Nascida em 1946, na capital paranaense, Alice estreou em 1980, com *Navalhanaliga*. Autora de 21 livros, levou o Prêmio Jabuti de poesia em 1989, com *Vice-versos*, e em 2009, com *Dois em um*. Já como letrista, compõe desde os 26 anos e, em 2005, lançou seu primeiro álbum, *Paralelas*, em parceria com Alzira Espíndola e participações de Zélia Duncan e Arnaldo Antunes.

PENSATA

A coluna Pensata abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do Cândia. Nesta edição, o tradutor Caetano Galindo comenta o ensaio “E unibus pluram: television and U.S. Fiction”, em que o escritor David Foster Wallace critica o uso da ironia na ficção e na publicidade.

QUE IRONIA

CAETANO GALINDO

David Foster Wallace é associado a certos rótulos. E, como quase sempre, quase todos eles estão quase totalmente errados. Ou ao menos precisam ser devidamente relativizados. Uma das imagens ligadas a ele é a do paladino do combate à ironia, defensor da “sinceridade” contra as perversas hostes dos discursos tortos, que dizem o contrário do que pretendem.

Essa reputação advém especialmente da leitura de um seu ensaio gigantesco que originalmente ocupou mais de quarenta páginas de um número da *Review of Contemporary Fiction*, lá no longínquo ano da graça de 1993, quando eu estava entrando na faculdade. O texto se chama “E unibus pluram”¹ e pretende anatomizar a relação de dependência que os Estados Unidos desenvolveram com a televisão, e especialmente com o tipo de ironia que a televisão de entre os anos 1960 e 1980 levou aos seus es-

tágios mais avançados. Metaficção, autoconsciência, sarcasmo constante em relação a “valores” morais e exposição irônica das suas próprias posições (Se ele conhecesse a TV brasileira do período...) ... Para Wallace, esse discurso, adotado por toda uma geração de artistas, acabava redundando num tipo de cinismo descolado, numa espécie de indiferença disfarçada de cool que, muito longe de ser tão refinada quanto se pretendia, era na verdade uma condenação: “A voz do prisioneiro que passou a gostar de sua jaula”, numa citação que ele empresta de Lewis Hyde.

Esse tipo de ironia tinha se tornado um caminho circular em que todos os presentes se uniam em sua unânime rejeição de tudo que não fosse cool, e acabavam por definir como cool precisamente essa atitude negativa, numa curiosa reprodução do paradoxo da adolescência (e não é à toa que esse índice de “imaturidade” acabe



O escritor norte-americano David Foster Wallace (1962-2008) publicou — sem contar as obras póstumas — dois romances, três livros de contos e cinco coletâneas de ensaios. No Brasil, foram lançados *Breves entrevistas com homens hediondos* (contos, 2005), *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo* (ensaios, 2012) e *Graça infinita* (romance, 2014).

surgindo aqui), em que todos os indivíduos, em sua devoradora vontade de “diferir”, de se destacar de um sistema, acabam se tornando curiosamente reproduções de um mesmo modelo.

Nada mais velho que os modernos. Nada mais acomodado que os revoltadinhos. Nada mais improdutivo que o destacamento blasé e pseudo-refinado que gera, no final, uma postura inimputável, que não afirma nada porque está apenas negando e acusando seus detratores de “não terem entendido nada”.

DIVULGAÇÃO

Exatamente o contrário do que andaram às vezes fazendo com ele. E ele pensou. E como!

Sua produção literária posterior (em 1993 ele estava começando a escrever *Graça infinita*) exhibe usos virtuosísticos de tudo quanto é viés, tom e matiz de discurso irônico. O que ele não se permite é justamente aquela atitude de se proteger por trás de um discurso que sempre pode argumentar que não disse o que disse. É nesse sentido que faz sentido sua luta pela “sinceridade”. Sua luta “contra a ironia”.

AGORA, DE 1993 PRA CÁ TEM MUITO CHÃO.

Muita coisa mudou na paisagem cultural (inclusive graças ao impacto da obra de Wallace, seja sobre os leitores seja sobre outros escritores que esses leitores podem hoje admirar). Nós certamente não estamos mais assistindo ao mesmo tipo de televisão que ele descreve. E certamente não estamos mais produzindo o mesmo tipo de discursos.

Se você conhece um tantinho que seja de televisão e de publicidade (a área em que tudo isso se torna mais denso e, claro, mais perverso: dinheiro é dinheiro), pode imaginar que essas mudanças dos últimos 25 anos não terão sido univocamente na direção da “iluminação” e da sinceridade que Wallace parecia não defender, mas buscar para si próprio. A bem da verdade, a coisa mais pervertida que aconteceu nesse nível da cultura foi precisamente a reviravolta total: a apropriação pela publicidade, por exemplo, do discurso anti-irônico, pró-sincero, tocante e “simples”, reto e direto. Na primeira vez em que eu vi uma propaganda da Coca-Cola que falava das “pequenas felicidades da vida” como as únicas coisas que importam; a cada vez que

vejo um anúncio de carros pregando simplicidade e autenticidade de valores eu penso que Wallace, afinal, foi derrotado.

Não porque sua voz (e de tantos outros, claro) não tenha sido ouvida. Ela foi. Ela provinha de tendências que se fizeram sentir e marcaram seu tempo. Elas criaram o mundo hipster, no que ele tenha de falso e de real. Mas sim porque o mecanismo do capital, da indústria do entretenimento e da publicidade era ainda maior e mais poderoso do que ele supunha. Era capaz de engolir até seu discurso e soltar Coca-Cola.

Há esperança?

Claro.

Se você viu o último episódio da série *Mad Men* já entendeu tudo que eu queria dizer aqui com este texto. Aliás, aquele episódio tinha não poucas referências diretas a fatos de *Graça infinita*. E o futuro preconizado pelo sorriso final de Don Draper é, sim, cínico. Mas no mesmo ano em que vimos essa cena, o musical *Hamilton* estreava nos Estados Unidos. E lá se vê exatamente, no ataque à figura de Aaron Burr, uma outra reação, quando Alexander Hamilton lhe faz a pergunta que cabe fazer a todo ironista, e que tem todo o cheiro do discurso de Wallace: what'll you fall for? Por que coisa você se sacrificaria?

E se você leu Karl Ove Knausgård, e sua obsessão de ir ao fundo, se leu Elena Ferrante, e entendeu sua postura filosófico-literária, exposta em *Frantumaglia*, sua preocupação com o desvelamento da “verdade”, sua clareza em usar a palavra “verdade” sem aspas, você pode entrever ainda outro caminho. Diverso do de Wallace, mas afiliado a ele precisamente por esse cordão feito da coragem de se expor ao sorriso enviesado dos ironistas “sofisticados”. ■



CAETANO GALINDO nasceu e vive em Curitiba. É professor no curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, tradutor e escritor. Publicou o livro de contos *Ensaio sobre o entendimento humano* (2013) e *Sim, eu digo sim — Uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce* (2016). Traduziu, entre vários outros, *Graça infinita*, de David Foster Wallace (2014) e *Ulysses*, de James Joyce (2012).

Nota: 1. Trechos do ensaio foram publicados no Brasil em 2010, na revista *Serrate*, em tradução de Sérgio Rodrigues.

Até aí tudo bem. Mas veja que de saída ele está se colocando contra UM tipo de ironia. Contra um USO da ironia. Ele sabia muito bem, como fruto que era de todo o pós-modernismo americano, que a ironia era um instrumento poderoso demais para ser esquecido, e era uma característica central demais do discurso humano para ser “proibida”. Ele, como em tantas outras áreas, estava apenas interessado em pensar antes de usar, em questionar antes de se entregar a mecanismos simples e achatadores.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

PAULO HENRIQUES BRITTO

Após um período de seis anos, Paulo Henriques Britto volta a publicar um livro inédito de poemas. *Nenhum mistério* sucede o elogiado *Formas do nada*, de 2012. É uma ótima, para não dizer rara, oportunidade de ler nova produção do carioca, apontado por muitos como um dos principais poetas brasileiros contemporâneos. Isso porque em 35 anos de carreira, Britto publicou relativamente pouco: são nove livros de poesia e uma coletânea de contos.

DA REDAÇÃO



Pouco antes de lançar sua mais recente obra, o autor participou da edição de julho do projeto Um Escritor na Biblioteca. Entre outros assuntos, falou sobre seu processo de escrita e de que forma surgem seus poemas. “Muita coisa diferente me faz escrever. Às vezes é algo que estou lendo, um poema, ou mesmo uma coisa em prosa, uma palavra, uma frase que fica na minha cabeça. Isso é muito comum.”

A entrada de Paulo Henriques Britto na literatura se deve, em grande parte, a sua passagem pelos Estados Unidos, quando ainda era criança e morou com os pais na Califórnia durante dois anos. Voltaria a viver nos EUA quando, aos 20 anos, decidiu fazer faculdade de cinema — curso que acabou não concluindo. Essas experiências o ajudaram quando começou, de forma despretensiosa, a traduzir literatura de língua inglesa para o português. Foi o *start* para uma carreira bem-sucedida como tradutor de autores como Anthony Burgess, Thomas Pynchon, Philip Roth e Charles Dickens.

O exercício da tradução, aliás, o ajuda ainda hoje no processo de escrita de sua própria obra. “Muitas das técnicas de ficção que tenho, aprendi traduzindo ficção. Não tenho a menor dúvida”, diz o escritor que queria ser ficcionista, mas acabou sendo poeta porque nunca achou que tivesse imaginação para escrever romances. No entanto, Britto prepara sua segunda coletânea de contos, chamada *O castiçal florentino*, que traz algumas histórias rascunhadas ainda no período californiano do autor.

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em cursos de tradução, criação literária e literatura brasileira, Paulo Henriques Britto ainda falou sobre o impacto de ler autores como Kafka (“esse cara é definitivo”) e sua von-

tade de experimentar utilizando estilos poéticos consagrados (“gosto de perverter as formas”).

INDISCIPLINADO

A minha formação de leitor foi uma coisa muito indisciplinada. Na minha casa — uma família da pequena burguesia carioca — tinham alguns livros, não muitos. Comecei a ler, e quando passei a me interessar muito, meus pais compravam tudo quanto era livro para mim. Mas, repito, era uma leitura completamente indisciplinada. No começo da minha vida, diria que a biblioteca não teve nenhum papel. Nós vivemos em um país que não é muito bem servido de bibliotecas, né? Para vocês terem uma ideia, eu trabalho na PUC do Rio de Janeiro, que é uma das grandes universidades privadas do Brasil. Lá há uma biblioteca, mas, de uns anos pra cá, estou pesquisando forma poética, trabalhando com versificação de inglês e português, e achei exatamente dois livros da minha área de interesse na biblioteca. Preciso comprar o livro. Às vezes, quando o livro está muito velho, escaneio e doo para a biblioteca e fico só com a imagem escaneada. Então, eu não tive essa vivência de biblioteca. Passei realmente a usar a biblioteca quando comecei estudar na PUC, trabalhar na PUC, mas era uma biblioteca não muito completa para o padrão universitário.

EUA

Com dez anos de idade fui para os Estados Unidos. Meu pai era militar, foi transferido e fiquei dois anos e meio lá. E criança aprende língua muito rápido. Em um ano eu já estava lendo em inglês, e tive uma grande sorte de ter uma professora que adorava poesia. Ela me botou para ler Shakespeare, Walt Whitman, Emily Dickinson. Foi quando realmente descobri poesia.

VOLTA

Quando voltei para o Brasil, dois anos e meio depois, comecei a descobrir poesia em língua portuguesa, que até então eu praticamente não conhecia. Nessa época descobri Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Drummond, etc. Então minha formação foi muito assim. Eu lia muito “Tesouros da Juventude”, uma coleção que todo mundo tinha em casa. Lembro quando fui ler os contos do Cortázar, na adolescência, fiquei pasmo. Era uma coleção muito engraçada porque os volumes traziam um pouco de tudo. Um volume tinha um conto e depois tinha um texto sobre ciência, aí tinha um poema, quer dizer, era uma coisa totalmente despirocada. Minha leitura foi sempre muito assim, eu ia lendo o que dava na veneta. Só comecei a centrar mais na questão da poesia quando eu já tinha mais de 20 anos. Aí é que realmente comecei, porque até então o meu sonho era ser ficcionista. Foi aí que eu comecei a ler poesia mais a sério, estudar poesia.

PRIMEIROS AUTORES

O quê mais li nessa época? Kafka, talvez, acho que é o escritor que mais li e reli. Machado de Assis também. Descobri Machado muito cedo. Fui um grande leitor de Cortázar. Aliás, sou até hoje. Na adolescência eu tinha uma turminha que lia, e só lia ficção, e eu era o único que gostava de poesia. A poesia não entrava na turma, a turma só lia ficção. E a gente tinha uns autores que eram, assim, “os nossos autores”. Um era o Campos de Carvalho, com o *Púcaro búlgaro*, que eu devo ter lido pra lá de 10 vezes. Sabia de cor trechos do livro. Outro era o [Witold] Gombrowicz, um autor polonês que viveu muitos anos na Argentina. E o Kafka, claro! Também li muito Clarice Lispector nessa época. E comecei a ler poesia séria. Cabral li quando já tava com meus 20 anos e tive aquele impacto. O que me levou a achar que eu não tinha a menor condição de escrever poesia. Cabral deu aquela paralisia.

INICIO DA ESCRITA

Comecei escrevendo contos que acabaram virando poemas. No meu primeiro livro, tem um ou dois poemas que eram contos abortados. Uma hora, pensei: “Sabe de uma coisa? Vou escrever poesia mesmo”. Aí comecei a estudar poesia a sério, coisa que eu nunca tinha feito.

RETORNO AOS EUA

Dez anos depois, voltei para estudar cinema. Foi lá que comecei a traduzir. Queria mostrar para as pessoas, meus amigos de lá, poemas de língua portuguesa. Ver-tia para o inglês e vice-versa. Foi aí que comecei a fazer ➔

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

tradução. Tem uma frase, acho que é do Molière, que acho maravilhosa. Ele diz assim: “Escrever é como sexo. Você começa fazendo por amor, depois você faz para os amigos, depois você faz para os amigos, depois você faz por dinheiro”. É uma grande frase. A tradução para mim foi assim. No começo, traduzi um poema porque gostava do texto. Depois, começava a mostrar para as pessoas e, no final, aquilo virou trabalho. Quando voltei ao Brasil — abandonei o curso de cinema no meio —, comecei a dar aula de inglês e, para incrementar a minha renda, fazer tradução. Aí que comecei a fazer tradução profissionalmente. Eu já tinha meus 22, 23 anos.

PROSA

Voltei da Califórnia com uns 40 contos, dos quais metade foi publicado em *Paraísos artificiais* e ainda tem uns dois texto que vou reaproveitar para o segundo livro, que estou retrabalhando freneticamente desde os anos 1970. Mas, enfim, eu nunca parei de escrever ficção. Mas o que mais produzi mesmo foi poesia.

IMAGINAÇÃO

No tempo em que estive na Califórnia, fiz muitos contos. Aquelas coisas meio mal-acabadas e, de vez em quando, pego algo e desenvolvo. Porque não tenho nenhuma imaginação. Sou um horror. Para ficcionista, não tenho a menor imaginação. Tenho que aproveitar aquele surto e pegar algumas ideias. Mas tudo bem, Joyce também não tinha, nunca inventou uma história na vida. Tudo que ele pôs nos livros dele aconteceu em sua vida. Proust também. Proust não tinha imaginação, só descreveu aquelas festas chatíssimas em que ele foi, aque-

la gente horrível que ele conheceu e o livro é uma maravilha. Como é que pode? Como que o cara com tão pouca imaginação, com uma vida tão besta como a do Proust, escreve um livro tão bom? Esses caras é que me dão esperança. Imaginação quem tem é Balzac.

IMAGINAÇÃO 2

Não tenho imaginação para bolar um romance. É difícil. Veja um cara como o [Thomas] Pynchon, que faz um romance com 700 personagens, 45 enredos, subenredos. Balzac é extraordinário. Como é que o cara manipula tantas histórias? Eu tenho muita inveja desses caras que têm essa imaginação prodigiosa de bolar personagem. Henry James, um dos ficcionistas que gosto, é extraordinário. Tive o imenso prazer de traduzir o conto “A outra volta do parafuso”. É um conto de terror dos mais barras-pesadas que eu já li. Terrível, o conto. Ele conta em cartas que ficava horrorizado. Diz que de noite ficava com medo, não tinha coragem de sair do quarto. Ficava tão horrorizado com o conto dele. Genial, né? Como o cara entra na coisa. Como ele consegue acreditar naquilo? É fantástico. Isso é muito bacana.

ESTREIA

Fazia poemas e mostrava para alguns amigos que não gostavam de poesia. Eles sempre me pediam prosa. Mas acabavam lendo meus poemas também. “Quando eu fizer 30 anos, publico. Não quero publicar antes porque senão vou me arrepender depois”, eu dizia a eles. Igual o Mário de Andrade, que publicou aquele livro horrível quando era garoto, *Há uma gota de sangue em cada poema*. Depois classificou como “obra imatura” para



não renegar totalmente. O Ferreira Gullar também escondeu o primeiro livro dele, só saiu na Nova Aguilar quando ele fez as obras reunidas. Não quero fazer vexame, não. Vou publicar quando eu estiver um pouco mais maduro. Aí, quando fiz 30 anos, começaram a me cobrar: “Pô, você não ia publicar quando fizesse 30 anos?” Eu já estava com 31, 32 anos quando finalmente saiu o livro. Tinha prometido a mim mesmo e a todo mundo que eu ia lançar, e lancei. Mandei fazer dois mil exemplares de *Liturgia da matéria*. Foi um encalhe maravilhoso.

NÃO VENDEU

Um dia estou em casa, toca a campanha, abro a porta e tem um cara com um balaio enorme na cabeça. Eu disse: “Não, obrigado, não

quero comprar nada não”. Ele disse: “Não, não. Eu tô entregando isso aqui”. Era toda a edição completa do meu livro, pois a Civilização Brasileira faliu. Aceitou meu livro e faliu. Depois foi comprada pela Difel. Eu era solteiro — morava num apartamento grande, tinha espaço — e enchi os armários com aqueles livros. Quando casei e fui morar num apartamento pequeno, com duas crianças, não teve jeito: joguei fora caixas e caixas daquela primeira edição. Guardei uns 20 exemplares, só para mostrar às pessoas. Mas a edição era muito feia, era horrível na verdade.

MENOS PRODUÇÃO

O que eu produzo, mais ou menos regularmente, cada vez menos, é poesia. Ficção é essa coisa que



fico 20, 30 anos trabalhando para sair algo. É uma coisa esporádica. Agora, poesia eu tento regularmente me obrigar a escrever. É uma disciplina que tento me impor. Eu tinha uns cadernos em que escrevia. Pegava uns rascunhos e retrabalhava, até que descobri que não estava mais lendo a minha letra. A minha letra nunca foi boa. Sempre fui um péssimo aluno de caligrafia. E recentemente dois cheques meus foram devolvidos na mesma semana, porque o banco não reconheceu minha assinatura. Tá grave o negócio. Eu dou aula com PowerPoint e só escrevo agora rascunhos, tudo direto no meu laptop. Abandonei aqueles cadernos, que eu não estava conseguindo ler, e estou meio que começando de novo. Estou tentando fazer uma produção

mais ou menos regular e depois vou retrabalhando aquilo. Mas cada vez mais, estou produzindo menos.

START

Muita coisa diferente me faz escrever. Às vezes é algo que estou lendo, um poema, ou mesmo uma coisa em prosa, uma palavra, uma frase que fica na minha cabeça. Isso é muito comum. Às vezes é só um ritmo, uma sequência rítmica, uma sucessão de sílabas, um texto que estou traduzindo, quando estou enfronhado no texto. Muito raramente é uma ideia abstrata. É raro partir de uma ideia. Mas sim partir de uma coisa concreta, de uma coisa que alguém disse, às vezes uma frase que escutei. O ponto de partida normal de um poema é isso, um outro texto.

PRODUÇÃO LENTA

Para mim a produção tem que ser lenta. Traduzi Byron, um poeta que gostei muito de traduzir. Byron morreu com 36 anos e a obra completa dele é um calhamaço enorme, tudo rigidamente metrificado e rima-do. Como é que o cara produzia aquilo? Não sei. Cada livro meu tá saindo mais fino que o anterior. Esse próximo agora vai ser uma enrolação. Vai ter menos de cem páginas. Haja página em branco para encher linguça. Cada vez eu produzo menos. Mas é uma coisa da pessoa. Tem um poeta atual que eu gosto muito, acho muito bom, um dos melhores do Brasil, lá de Juiz de Fora, chamado Edmilson de Almeida Pereira, e a produção dele é extraordinária. O homem publica dois livros por ano, mantendo um nível de qualidade muito alto. Eu não sei como que ele consegue fazer isso. Morro de inveja.

FORMA FIXA

Tinha muita dificuldade em escrever verso livre. No meu primeiro livro tem verso livre porque eu não sabia o que estava fazendo. Depois que comecei a entender como era a poesia, vi que verso livre, se você bobear, fica um negócio frouxo, não leva a nada. Versos livres do Pessoa e do Manuel Bandeira são de uma qualidade aterradora. Eu ficava meio intimidado. Resolvi aprender a dominar as formas e comecei a descobrir que o bom é você pegar uma forma fixa — ou inventar uma forma fixa, ou então pegar uma forma clássica, como um soneto — e pervertê-la um pouquinho. A graça é essa. Pego uma forma tradicional e tento fazer uma coisa um pouco diferente. Isso passou a ser meu projeto formal. E isso me ajuda a fechar o poema, a chegar ao final. Quando tomo uma decisão formal — “vai ser assim, a rima tem que ser essa” — consigo fechar. Senão fica uma coisa frouxa.

SÉRIES

As séries de poemas se explicam porque não sei botar títulos. Sou muito ruim em dar título. Então quando encontro uma temática comum, ou que trabalha com uma forma comum, faço o grupo, aí o título já está dado.

GERAÇÃO PAISSANDU

Esse poema é autobiográfico, fiz pensando na adolescência. Paissandu era um cinema do Rio de Janeiro, o cinema dedica a arte da cidade. Tinha uma sessão à meia-noite de sábado que era de grandes pré-estreias. E acontecia o seguinte: quando um filme tinha conteúdo político, ou sexual, sabia-

mos que ele não ia entrar em cartaz, ficar na programação, porque a censura iria proibi-lo. Iria ser só aquela noite de pré-estreia. Então as filas se arrastavam por quarteirões. Eu chegava às dez horas, às vezes, para pegar lugar na fila. Na estreia do *Azyllo muito louco* [de Nelson Pereira dos Santos], acho que fiquei mais de duas horas na fila porque as pessoas diziam que o filme iria ser proibido. Então “Geração Paissandu” era a turma de cinéfilos que frequentava esse cinema, que agora vai virar uma igreja evangélica ou uma academia de ginástica.

POEMAS EM INGLÊS

Quando você aprende uma língua estrangeira, descobre que não é exatamente a mesma pessoa nas duas línguas. Como aprendi inglês muito cedo, tinha 10 anos mais ou menos, virou uma coisa que não chega a ser uma segunda língua nativa, mas também não é apenas uma língua estrangeira. Quando vou para lá, posso trocar uma chave na cabeça e pensar na outra língua. É uma coisa muito esquisita. Cada vez mais difícil, porque agora eu falo muito pouco. Quando era mais jovem, era muito fácil trocar a chave. No meu primeiro livro, *Liturgia da matéria*, tem muitos poemas que eu só escrevi em inglês porque em português, sei lá, me sentia desprotegido. Em inglês eu me sentia mais distanciado. É uma coisa engraçada. O ponto de partida do poema é uma coisa do inglês, é um ritmo do inglês, um poeta que eu estou traduzindo ou lendo. E aí acaba que o poema sai em inglês. Às vezes eu traduzo para o português, ou vice-versa. E tento fazer uma tradução, tradução mesmo. Tento não

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

refazer o poema, mas fazer o mesmo poema em outra língua. É um exercício que gosto muito.

MÚSICA

Logo quando fui morar na Califórnia, queria mostrar para as pessoas o que estava acontecendo no Brasil, onde a grande novidade era a Tropicália. Então traduzia para o inglês letras do Caetano. Uma das minhas primeiras experiências de tradutor foi assim. Agora, algumas letras de canção funcionam como poema, outras não. Alguns poemas funcionam como letra, outros não. O tipo de trabalho com a palavra que você tem que ter pra ser cancionista é muito parecido, evidentemente, com o tipo de trabalho necessário para ser poeta. Tem uma proximidade muito grande, mas uma canção não é exatamente a mesma coisa que um poema.

NOVOS CONTOS

Tudo foi muito trabalhado. Anos de trabalho. Há dois contos antigões lá da Califórnia. Um outro que eu fiquei uns 10 anos trabalhando, seguramente. Comecei nos anos 1990 e consegui fechar não muito tempo atrás. Um outro foi um sonho que eu tive. Um sonho meio estapafúrdio. Agora, como eu só escrevo no laptop, deixo sempre ele na mesa de cabeceira. Acordei com esse sonho na cabeça, anotei rapidinho umas coisas e já deu para ser um conto novo. O livro é pequeno, vai ter uns sete contos. Dos quais uns cinco são realmente novos.

ROMANCE

O penúltimo conto de *Paraísos artificiais*, chamado “O primo”, que é o segundo mais longo, ia ser um ro-

mance. Comecei a escrever em inglês quando estava na Califórnia, porque fui para lá com plano de ficar. Iria ser o primeiro capítulo de um romance em inglês. Bem, aí desisti de ficar na Califórnia e voltei para o Brasil. Resolvi traduzir aquilo e continuar o romance. Só que não saía do segundo capítulo. Emperrava. Depois de uns dois ou três anos de gaveta, eu disse: “Chega. Não vai ser um segundo capítulo, vai ser um conto”. Resolvi bolar um fecho e foi assim.

APRENDER A ESCREVER

Muitas das técnicas de ficção que tenho, aprendi traduzindo ficção. Não tenho a menor dúvida. Dos contos mais novos que escrevi, claramente tem isso. Na graduação da PUC tem um programa de criação literária e um programa de tradução. Estou nos dois. Oriento muitos dos meus alunos que são de criação literária a fazerem o curso de tradução. Digo: “Olha, vale a pena”. Quando a gente vê que o aluno quer escrever ficção e está muito verde, eu digo: “Faz o curso de tradução”. O professor sou até eu mesmo. Faz comigo que eu vou trabalhar muito com técnica de diálogo, essas coisas. A gente desmonta o conto, sempre um conto. Passamos o semestre inteiro traduzindo um conto só, de umas 20 páginas. Esmiuçando ele, vírgula por vírgula. E, para mim, a melhor maneira de se aprender a escrever é traduzir.

INFLUÊNCIAS

O que me inibiu a começar escrever foram alguns poetas. Cabral, em particular. Não, Kafka também foi terrível. Teve um conto do Kafka que eu li e evito reler até hoje, “Investigações de um cão”. Li esse conto e fiquei



arrasado. “Não tem o menor sentido eu querer ser escritor depois desse cara. Não tem o menor sentido. Esse cara é definitivo. Por que eu vou tentar escrever alguma coisa depois disso? É bom demais.” Outro foi o Cabral, quando eu li “Uma faca só lâmina”. Foi um trauma para mim. “Porra, por que eu vou escrever poesia? Não tem o menor sentido.” Mas isso foi no final da adolescência, quando eu tinha 20 e poucos anos, quando lia um cara bom demais e achava que não tinha o menor sentido eu querer escrever. Me dava esse trauma. Depois passou.

VIANA

Eu e o [escritor] Antônio Carlos Viana tínhamos um bom diálogo. A gente trocava contos, mandava coisas um para o outro. Eu opinava, ele opinava. Eu fiz aquela seleção do primeiro livro dele que saiu pela Companhia das Letras [*O meio do mundo e outros contos*]. Ele tinha vários livrinhos publicados em uma editora totalmente clandestina, que não divulgava nada. Quando entrou para a Companhia das Letras, disse: “Vou fazer só uma seleção dos meus primeiros livros”. Eu fiz essa seleção. Hoje em dia se fala curador, né? Tudo é curador. Fui o curador daquele livro. Claro que ele também interveio: “Não, esse aqui não. Aquele sim”. Mas, basicamente, fiz as escolhas, porque eu acompanhava o trabalho dele desde o começo. Ele foi meu professor no colegial. Eu tinha uns 18 anos quando o conheci e ele tinha 20 e poucos anos. A gente estava no Rio de Janeiro. Ele arremou esse trabalho como professor de escola particular e a gente ficou amigo. Nunca mais perdemos o contato. E aí tudo o que eu escrevia mostrava para ele, e vice-versa. Ele escrevia e mostrava para mim. Ficamos esses anos todos trocando. Foi muito legal.

VOZES FEMININAS

Acho maluca essa ideia que só homem pode traduzir homem, só mulher pode traduzir mulher, só negro pode traduzir negro, só negro pode interpretar. Acho que não tem nada a ver. Acho isso uma bobagem. Qualquer ser humano pode entrar na cabeça de qualquer ser humano. Isso aí não tem nada a ver. Mulheres criam grandes personagens masculinos. Vá ler George Eliot, que é uma romancista mulher. Não tem nada a ver. Essa coi-

sa de — como é que é a expressãozinha? Tem uma expressãozinha cretina que está se usando agora — “lugar de fala”. Isso aí é uma bobagem. Isso daí não tem nada a ver. Eu estou no século XVIII, sabe? Não me acostumei com o século XX. Sou um iluminista do século XVIII. Não me acostumei com esses papos do século XX. Acho que um ser humano é um ser humano. Aliás, um escritor como o Kafka pode até se tornar um animal, né? Ele tem um conto maravilhoso, “A construção” ou “A toca”, dependendo da tradução. Que maravilha. Ele entra na cabeça de um animal que vive numa toca e tem um problema gravíssimo. É outro conto do Kafka que me paralisou durante um tempo. Ele, quanto mais saídas faz para a toca, mais fácil é ele escapular se alguém pegar ele lá dentro. Mas, por outro lado, quanto mais buracos ele abre, mais fácil é alguém achar a toca dele. Então ele ora abre o buraco, ora tapa o buraco. É um dilema humano, mas que ele consegue colocar num animal. Você pode se colocar na pele de um animal, de qualquer pessoa, de uma criança. Uns anos atrás, li uma coisa que nunca esqueci. Foi publicado anonimamente um romance, em primeira pessoa, nos Estados Unidos, sobre experiências de adolescentes. E foi muito elogiado: “Pô, que maravilha, você vê que esse cara deve ser muito próximo da adolescência”. Descobriram quem era o autor. O cara tinha 80 anos. Ele fez um romance na voz de um adolescente e todo mundo achou que era um escritor bem jovem — que só uma pessoa muito jovem, recém-saída da juventude, tivesse tido aquela experiência e era capaz de fazer aquilo. O cara tinha mais de 80 anos.

EMILY DICKINSON

Uma professora que tive nos Estados Unidos me apresentou a literatura da Emily Dickinson e foi numa paixão, uma paixão complicada porque eu tinha muita dificuldade de traduzir seus textos. Ela é uma das poetisas mais difíceis de traduzir que conheço. Estou trabalhando com Emily Dickinson, seguramente, há uns 30 anos ou mais. Consegui aprontar uns sete poemas dela. Só. E sempre acho que estou perdendo alguma coisa.

AS FORMAS

Gosto de perverter as formas. Pegar um soneto e fazer um soneto torto. Ou fazer uma série de sonetos narrativos. Cada vez mais estou gostando de trabalhar com rimas incompletas, rimas que não são perfeitas, tropeadas. Vou fazer todos os versos certos e um verso completamente errado. E é isso, gosto de fazer as coisas um pouco diferentes. Fazer um soneto muito bem feitinho, bem convencional, todo mundo já fez. O negócio é fazer alguma coisa um pouco diferente. Agora, você fica pensando, os grandes sonetos, como eles foram subversivos. Os sonetos de Shakespeare. O Shakespeare escreve uma série de cento e tantos sonetos, aquilo é o que há de canônico. Mas, se você for parar para pensar, aquilo é muito subversivo. Como no inglês os participios não tem gênero, tá o poeta louvando a beleza de uma pessoa e você só descobre que é um homem quando já está no soneto número 15. Você acha que é uma mulher. Ele tem pegadinhas assim o tempo todo.

PYNCHON

Eu sabia que o Pynchon existia, mas nunca tinha lido nada dele. Aí a Companhia das Letras disse: “Olha, tem um livro aqui, que precisa ser traduzido, a gente estava esperando por você”. O livro era o *Arco-íris da gravidade*. Aí mandaram e eu comecei a ler e fiquei horrorizado. Eu disse: “Esse troço é muito difícil, um livro difícilíssimo”. Li umas dez, vinte páginas e escrevi para Companhia dizendo que não tinha condição de traduzir, porque era muito difícil. A Companhia das Letras fez um golpe terrível: “Não, mas é que eles já ofereceram para todos os editores, todos os tradutores da casa, e ninguém topou. A gente tem um contrato para editar todos os livros dele, entende?” O cara me botou numa situação difícil. Então topei. Comecei a fazer aquele calhamaço achando que ia ficar uma coisa horrorosa, que era muito difícil. Na página 50 eu estava a ponto de desistir. Mas aí fui indo, fui indo, fui indo. Na página 200 — o livro tem umas 700 páginas — eu já estava empolgadíssimo. ■

ROMANCE | EDILSON PEREIRA

O
ABSURDO
TAMBÉM
FAZ
PARTE
DA

VIDA

O sujeito veio em sua direção e ele foi direto ao assunto:

“E aí, meu chapa, qual é a tua?”

O sujeito estancou assustado:

“Qual é a minha? Como qual é a minha?”

“Você me segue há cinco dias.”

“Exatamente. Eu o sigo há cinco dias.”

“Eu percebi.”

“Percebeu e não disse nada.”

Aquilo ficava surrealista. E o sujeito não tinha cara de Salvador Dali. Se parecia com alguém, ele diria que era com o Moe Howard. O grande Moe Howard.

Ele indagou:

“O que eu deveria dizer?”

“Você deveria parar e falar comigo, porra!”

“Estou falando agora.”

“E demorou. Além disso, está falando e não me reconhece.”

Ele era um pateta que não reconhecia Moe Howard.

“Eu sou o Taquinho!”

Taquinho? Quem era Taquinho? Ele não se lembrava de Taquinho. E nem de Tacão. Na realidade, a memória dele não andava boa, por mais que se esforçasse, não encontrava nenhum Taco no seu passado. O sujeito indignado na frente dele por ele não reconhecer o Taquinho, que poderia ser Tacão com aquela altura, aquele ternão escuro e expressão severa. Não ia adiantar se esforçar o resto da manhã.

“Eu não recordo de você.”

“Você não é o Homero?”

Pronto. Se sabia o nome dele, era alguém que o conheceria. Mas alguém que ele não lembrava.

“Sou.”

“Sou o Taquinho do Vital Brasil, porra!”

Taquinho do Vital Brasil. Ele recordou vagamente que conheceu um sujeito chamado Eustáquio, em 1970. Era orador do grêmio estudantil do Vital Brasil. Ambos foram para um congresso de estudantes em Guarapuava. Ele se lembrava vagamente. Agora fazia sentido. O véu difuso da memória descerrou:

“Eustáquio?”

O rosto do cara se iluminou:

“Lembrou?”

“Claro, o Taquinho do Vital Brasil.

Como pude me esquecer?”

Ele não recordava o apelido do sujeito porque ninguém o chamava de Taquinho naquele tempo ou se o chamasse nunca o chamava perto dele. Quer dizer, ele tam-

bém recordava vagamente que aquele sujeito era o Eustáquio. Mas quando ele disse Vital Brasil, num estalo o nome Eustáquio veio à memória, como poderia não ter vindo. A única coisa que recordava do sujeito era que foram juntos para um congresso estudantil, daqueles permitidos pelos militares porque não se fazia nada a não ser paquerar moças bonitas que disputavam um concurso de rainha de estudantes e fazer discursos inócuos elogiando pessoas inócuas, além de beber muito e cometer algumas sandices. Eustáquio, o orador. Só podia ser ele. Vangloriava-se de ter vencido concursos de oratória por onde andou e com sua voz empolada angariou um círculo de amizades na semana em que ficaram em Guarapuava, porque os bajulados ficavam encantados e convidavam Eustáquio e seus amigos — aí ele entrou na história — para almoçar e jantar em suas casas, onde eles comiam bem e bebiam até ficarem bêbados. À noite iam para uma boate ou clube noturno chamado Nova York ou coisa parecida e jogavam boliche até meia-noite. Os mais espertos arrastavam uma garota ingênua e embriagada para um hotel e não dormiam no alojamento. Homero não era tão esperto e ia dormir bêbado no alojamento. O certo é que quando terminou o colegial eles não se encontraram mais. Agora, 40 anos depois, o sujeito estava na sua frente, cobrando uma atenção como se fossem os maiores amigos do mundo.

“E aí, rapaz, como vão as coisas?”

Homero apertou a mão do sujeito enquanto o rosto dele se desmanchava num sorriso.

“Meu camarada, há quanto tempo?”

Eustáquio contou que fez um monte de coisas nas últimas quatro décadas. Tentou ganhar dinheiro

em Rondônia nos anos setenta, mas ganhou malária que quase o matou. Depois a família foi para Goiás trabalhar com cereais e lá ganhou dinheiro como caixeiro viajante até um dia a mulher o abandonar, deixando os filhos para ele criar. A mulher foi para os Estados Unidos com um locutor de rádio de Goiânia. No meio da maior crise de sua vida, Eustáquio se encontrou com o Senhor numa cidade chamada Cristalina, no interior de Goiás, uma cidade cheia de pedras semipreciosas.

“Senhor? Que Senhor?”

“Jesus, cara. Jesus.”

As pessoas encontram Jesus em todos os lugares. Mas o que Jesus fazia em Cristalina? Ele não ia perguntar. Era indiscrição. Eustáquio prosseguiu. Disse que Jesus mandou-o voltar para a cidade do Paraná de onde saiu e ele devia fundar uma igreja. Foi o que Eustáquio fez. Até ali era a história de mais um sujeito que resolveu fundar uma igreja. Era coisa comum naqueles dias. Homero ficou intrigado com o tom usado por Eustáquio, não era o de um beato, mas de um caixeiro viajante que venceu a grande aposta:

“Minha vida mudou. Estou rico.”

Ficar rico é o desejo de grande parte da humanidade. Riqueza compra conforto e qualidade, mulheres bonitas e mansões; põe o sujeito na ponta da pirâmide social; o cara é respeitado e em muitos casos as pessoas trabalham para ele. Não precisa fazer muita coisa a não ser continuar rico. Ser rico é um negócio bom e por isto Homero não se espantaria com a ênfase de Eustáquio se fosse outro ramo de negócio: mas, não fazia muito sentido botar uma igreja para ficar rico. Ou fazia? Eustáquio continuou falando de sua epopeia espiritual e financeira enquanto Homero recordava de o outro ser um rapaz

ROMANCE | EDILSON PEREIRA

ILUSTRAÇÃO: THEO TAVARES/THAPCOM



de origem pobre. Aliás, no tempo em que foram jovens, os filhos de famílias abastadas não estudavam no Colégio Vital Brasil. Para pessoas que foram pobres, moravam em bairros pobres, havia um significado intraduzível na metamorfose social que se chamava ficar rico.

Eustáquio continuou a enaltecer o seu feito:

“Que coisa! Andei meio mundo para ficar rico no lugar em que nasci e passei a infância e juventude: na Vila Morangueira.”

O que ele podia dizer?

“Ser rico é um bom negócio.”

Eustáquio não gostou da falta de entusiasmo. Mas como Homero podia se entusiasmar se quem ficou rico foi o outro? Eustáquio disse, para ele entender como era forte o seu empreendimento:

“Eu sou dono de uma igreja.”

“Você pegou uma franquia?”

O segmento religioso tinha destas coisas. Novas seitas eram fundadas e o sujeito que fundava criava uma espécie de franquia, fornecendo as características visuais do templo, certa decoração e arquitetura, além dos livros básicos e a linha teológica a ser adotada. O outro pegava tudo pronto. O dono da franquia também treinava o sujeito para a tarefa. O resto era cativar o cliente e administrar o ambiente. Era um pacote fornecido em troca do repasse de vinte por cento da arrecadação mensal do templo e garantia de não haver concorrência num raio de mil metros. No começo, o dono da franquia investia uma grana para o negócio deslanchar. E quando deslançava, o franqueado pagava o investimento, os juros de praxe e a cota mensal. Era um bom negócio para as duas partes.

“Criei a minha própria igreja Godislove.”

“God is love?”

“Exatamente. Mas se escreve tudo junto.”

“Godislove.”

“Exatamente.”

“Este é um ramo de crescimento excepcional nos últimos tempos.”

“Coisa de louco! Coisa de louco! Você não imagina como é grande a demanda pelo Senhor. Não tenho do que reclamar.”

Homero já ficava impaciente com aquela conversa estranha, quando Eustáquio perguntou:

“O que você faz na vida?”

Ele não gostava de dizer o que fazia da vida. Não estava rico se era o que o outro queria saber:

“Eu me aposentei.”

“Ainda é tempo de ficar rico.”

“Como?”

“Eu quero abrir novas igrejas. Eu te dou todo apoio. Você é bom de oratória. E tem um aspecto respeitável. O resto a gente contorna.”

Aquilo era absurdo. Mas o absurdo também faz parte da vida.

“Não sei. Acho que não tenho jeito para a coisa.”

“Eu também achava. Até encontrar Jesus.”

“Mas aí eu vou ter que me encontrar com Ele?”

“Não se preocupe. Venha comigo que eu te apresento. Ele é um cara bacana.”

“Eu vou pensar no assunto. Qualquer coisa eu te procuro.”

Eustáquio enfiou a mão do bolso do paletó e tirou um cartão de visitas e entregou para ele. Homero leu: Igreja Godislove. Tudo junto, como Eustáquio dissera. Embaixo: Bispo-Diretor-Presidente Eustáquio Washington Soares. Homero nunca ia se lembrar daquele Washington Soares. Ele guardou o cartão, enquanto perguntava:

“Então você já é bispo?”

“Claro. É precisouma hierarquia.”

Fazia sentido. O outro esticou a mão direita de novo e apertou a mão dele enquanto dizia:

“Desculpe ter seguido você, mas foi necessário.”

“Não tem importância.”

“Seja bem-vindo, meu irmão!”

“Obrigado.”

Enquanto o outro se afastava, Homero ficou pensando o que levava um sujeito a segui-lo por cinco dias apenas para contar tudo aquilo. Talvez fosse uma forma de dizer para alguém que conhecia, passar uma mensagem do tipo, “sabe, aquele cara pobre e fodido

que você conheceu há muito tempo, hoje está rico. E você, seu babaca, você continua pobre. Aliás, te dou a chance de ser meu empregado”. Fosse isso ou outra coisa o certo era que Homero não tinha nada com os negócios de Eustáquio. E não ia dar um pulo na igreja dele embora o nome dela fosse simpático e agradável aos ouvidos. No final, pensou Homero, Eustáquio não sabia, mas era apenas um pateta como muitos outros. Com a diferença de ter ficado rico. Com aquele terno, a única coisa que o distinguia de Moe Howard eram os cabelos brancos. Mas, Moe Howard quando envelheceu também ficou de cabelos brancos. ■

EDILSON PEREIRA nasceu em Oriente (SP) em março de 1952. Desde 1997 está radicado em Curitiba (PR). Trabalhou nos jornais *Diário do Norte do Paraná*, *Folha de Londrina*, *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná*. Publicou oito livros, entre os quais a antologia de contos *Uma profissão tão antiga quanto a tua* e o romance *A garota da cidade*. O texto publicado nesta edição faz parte do romance *A velha cidade perdida*, que será publicado em 2019.

HAICAIS | DOMINGOS PELLEGRINI

A MAÇÃ EXIBE SEU RUBROR AO SOL DA MANHÃ

Contava Vó Tiana que a maçã, quando Eva colheu para Adão,
ainda não era vermelha, daí ruborizou-se de vergonha...
Mas já então se parecia com coração.

SENTIR AOS SETENTA O SABOR INTENSO DA FRUTA NOS DENTES

Antes dos sessenta eu comia frutas, agora degusto cada uma.
Olhava procurando enxergar (o futuro, o profundo),
agora apenas me encanto ou me espanto com o mundo.

TODAS AS NUVENS DO CÉU PARECEM APENAS EU

Narcisismo não, só o antropismo de ver o humano em udo.
Cada um vê em cada nuvem o que bem quer,
entretanto todos assim vendo a si mesmos.

RES PI RAR COMO SE FOSSE FALTAR A R

Decerto de tanto respirar disso a gente não é ciente,
embora entes antes de tudo movidos a ar. Então,
sempre que me lembro, respiro profunda-mente...

NUVENS NO HORIZONTE DUELO DE GIGANTES SANGUE NO LENTO CÉU

Na lenta luta das nuvens no poente as lutadoras não vencem, incorporam-se nas vencidas. Foto eterniza, mas perde o movimento, que o vídeo capta, mas perde o momento. O poente vive morrendo.

A GARÇA TÃO À TOA TODA SE NARCISANDO NO ESPELHO DA LAGOA

Concurso de elegância pássara claro consagraria a garça. Tão graciosa ao pescar quanto desengonçada ao andar mas, quando pouisa e posa na beira da lagoa, não à toa tem o que olhar.

FELICIDADE ABRUPTA VESTIR O VENTO MASTIGAR A FRUTA

Além da felicidade nas pequenices, encontro também a felicidade do momento: vento com cheiro de florada, o boa-tarde do sabiá, lambida de cachorro, fruta catada no mato...

TEM NUVEM QUE ESTICA QUE REFULGE E SE TRANSFORMA SÓ NÃO TEM NUVEM QUE FICA

A graça pode estar na captura do óbvio. E aqui há três “que”, pronome expulso da poesia pela raspagem do concretismo, entretanto tornando o haicai falável como quê.

DOMINGOS PELLEGRINI nasceu e vive em Londrina. Além de jornalista e cronista, é contista, romancista e poeta. É autor de obra vasta, com mais de 30 livros publicados, dentre os quais *O homem vermelho* (contos, 1977), *Terra vermelha* (romance, 1998) e *Pequenices* (crônica, 2014). Lançou este ano seu mais recente romance, *Mulheres esmeraldas*.

NARRATIVAS | HARINI KANESIRO

NADA ME DÁ ALÍVIO

[GYMNOPIÉDIE Nº 1]

O rumor da agulha formiga nos instantes mudos que antecipam o início da música. Quando ela principia, o crepitar acompanha as teclas do piano, *lent et douloureux* — andamento avesso do *Allegretto*, onde a vitalidade beira a indiscrição.

A melodia é melancólica, feito os sons dos grãos de areia embaixo dos cascos de um cavalo moribundo. Em poucas horas, os cupins, na histeria da luz, começarão a se debater aflitos no hall de entrada. Os que não alcançarem a lâmpada pelas frestas da cúpula, se chocarão uns com os outros, kamikazes inofensivos, até aterrissarem nas nossas cabeças ou ombros. No final do verão, de todo modo, o plafon estará repleto de cadáveres amontoados.

[TRAJETO]

Anda por aí como uma ferida aberta, os olhos tão transparentes que assustam. Alguns caminhos têm dimensão de suspiro, o conteúdo delicado tem sua razão de ser. Mas continua confundindo o querer-algo-delicado com o não-querer-absolutamente-nada.

[SOBRE LITERATURA, PARA LATUF MONKTOY, NUM FINAL DE TARDE BANAL]

Há um poeta, Latuf, que diz que a poesia não passa de evidência da vida. Concordo com ele: literatura não é sublimação. É penetração. Não é um jeito de se elevar, mas de cravar os pés na vida — a experiência humana é oposta a dos vegetais: terminamos no solo, as raízes são o ponto de chegada.

Partir do que existe, do real, do papel e da tinta, mesmo que papel e tinta sejam tão frágeis quanto qualquer outra coisa que existe.

Deito-me na grama do parque num final de tarde banal, quando o silêncio é a instância soberana que começa a preparar a renovação da manhã. A vida que resvala no meu corpo é úmida e talvez eu tenha chorado, Latuf, talvez, é possível que sim, porque tanto a flor como a erva-daninha me iniciam na cultura da vazão.

Escrever: a tentativa de reconhecer a dignidade do momento na grama, sabendo que ele é mais do que a grama em si, mas também não é.

O poente me educa sobre a morte. A literatura recolhe o poente.

[OUTRO HOMEM SÓ]

Às vezes, eu me esqueço de andar e apenas me movo, feito uma formiga afogada boiando na superfície de uma cuia de barro, a água brilhando.

Noutras, esqueço de me mover. Não sei bem o que acontece depois, não sei o que faria se achasse o caminho que me leva até mim.

[OCASO 2]

O tempo é o que acontece na ausência do infinito.

[SOBRE OS DIAS NA FERROVIA]

Minha primeira lembrança mais nítida é a imagem de meu pai, suas mãos calejadas encaixando cada pedaço de trilho, martelando e prosseguindo de modo tão mecânico que o suor já nem sequer se prestava a ensopá-lo — evidência de que seu corpo respondia cada vez mais apaticamente ao mundo para se ajustar ao estado de sua alma.

Não saberia dizer com exatidão como ele era antes disso, sinto apenas, intuitivamente, que ele já havia sido diferente. Nesse curta-metragem que roda na minha cabeça num dia e noutro sem que eu tenha escolha de interrompê-lo, parecia ter cinquenta anos ou mais. O sol batia sobre sua cabeça e os raios incidiam penosamente na face, depositando um peso descomunal sobre suas pálpebras, quase que completamente fechadas. Ele olhava para mim, não de vez em quando, como se os momentos fossem espontâneos, mas nos intervalos específicos entre o momento em que pegava o pedaço de aço e o encaixava sobre a dormente. E sempre que o homem de quepe apitava, um chefe que mudava de rosto conforme o tempo, sem que nós soubéssemos de onde ele vinha e para onde o outro havia ido, me perguntava como eu estava indo, ao que eu respondia com um menear de cabeça leve e vertical, de criança que já aprendeu a imitar certos comportamentos adultos.

[QUERIDO D.]

Devo me mudar no começo de agosto, coisa que está me empolgando e devastando em igual medida. Se não me engano na referência, há um momento no *Afinidades eletivas* em que Goethe escreve que há ocasiões nas quais o temor e a esperança se confundem, mutuamente se anulam e se perdem em obscura insensibilidade. Não me sinto insensível à mudança — o oposto disso, na verdade. Mas a mistura de temor e esperança têm me levado à exaustão, como se eu não tivesse corpo suficiente para sentir tudo o que sinto, e, como resultado, tenho o impulso de fugir — seja lá o que isso signifique.

Quarta-feira, ao organizar meus livros, acabei trombando com o *Cem dias entre céu e mar*, do Amyr Klink, e o *L'usage du monde*, do Nicolas Bouvier. Fiquei desejando não ser quem sou, quem tenho sido há tanto tempo, mas qualquer coisa diferente, alguém que constrói um barco e parte, alguém que se envereda por rotas em que nômades encontram moradas intermitentes, alguém capaz de se permitir extraviar por incertezas sem o coração tão pesado. Como pesa, D. Sinto o músculo repuxado, contorcido. Nada me dá alívio. ■

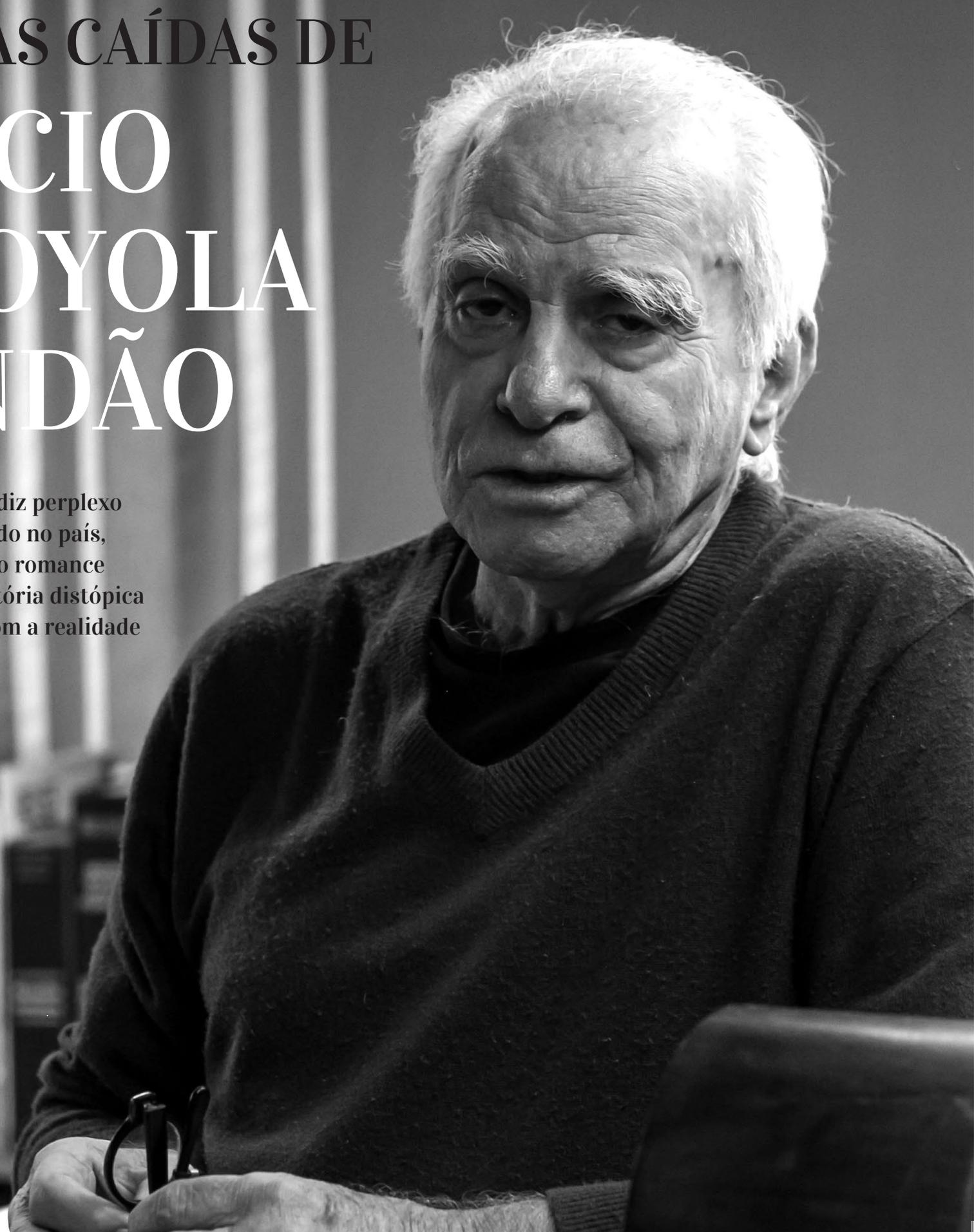
HARINI KANESIRO nasceu em São Paulo (SP), tem 22 anos e é formada em História. Cursa o mestrado em Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

CAPA

AS FOLHAS CAÍDAS DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Aos 82 anos, o escritor se diz perplexo com o caótico cenário vivido no país, o que o inspirou a voltar ao romance após 12 anos com uma história distópica absurdamente parecida com a realidade

RODRIGO CASARIN



Entro no apartamento de Ignácio de Loyola Brandão e quadros na parede me despertam a curiosidade. Não se tratam de retratos ou pinturas, mas de folhas secas emolduradas acompanhadas de breves textos, cartões-postais ou, mais raramente, alguma fotografia. São mais de 50 montagens do tipo, mas nem todas estão ali expostas — não haveria espaço para tal. Recordam momentos marcantes na vida do escritor de 82 anos: jantares, viagens, conversas com amigos, a visita ao túmulo de Bertolt Brecht...

É justamente de um verso de Brecht que Ignácio retirou o título de seu novo livro, *Desta terra não vai sobrar nada, a não ser o vento que sopra sobre ela*, primeiro romance que lança em 12 anos. Nele Ignácio retorna à prática consagrada em obras como *Zero* e *Não verás país nenhum*: captar descabros que acontecem no momento em que vivemos, ampliá-los e projetá-los em um futuro não especificado, nos mostrando a realidade distópica para qual caminhamos se não mudarmos os próprios rumos. Nossa conversa se centrará principalmente nisso, mas, por ora, retornemos às folhas secas.

Ignácio cresceu cercado por um avô que adorava plantas, uma mãe que cultivava flores-de-seda e um pai que todo dia cuidava de seu jardim. Não surpreende que quando o escritor foi pela primeira vez para a Europa, em 1963, aos 27 anos, para viver uma temporada em Roma, tenha trazido consigo justamente a memória de uma árvore. Andava pela rua quando viu uma folha se desprender, girar pelo ar e tocar o chão. Apanhou e guardou dentro de um livro. Foi reencontrá-la anos depois, o que fez com que rememorasse aquela boa fase da vida. “Não tinha nenhuma foto da minha estada em Roma, mas tinha

aquela folha. Desde então, onde vou, se há algum momento significativo para mim, pego uma folha”, conta.

A Itália também teve um papel decisivo em sua carreira como escritor. Ignácio já tinha estreado em meados da década de 1960 com a publicação de *Depois do sol*, mas o romance *Zero* começaria a estabelecer seu nome entre os grandes autores do país. O livro surge de um acaso: editor do *Última Hora*, engavetava as notícias que a censura não deixava o jornal publicar. Certo dia, notou que ali havia conteúdo suficiente para um livro. Todavia, se as informações não podiam ser veiculadas, precisaria lhes dar uma nova forma.

Assim arquitetou a distopia que servia de crítica àquele Brasil totalitário. Por sorte, um amigo viajaria para a Itália e pediu o original do romance para ter alguma distração no voo. Na Europa, esse amigo apresentou o chamado para um tradutor que gostou do que viu e foi conversar com um editor. Este logo estava entrando em contato com Ignácio para negociar a publicação de *Zero* na terra de Dante, onde saiu em 1974, pela editora Feltrinelli. Já no ano seguinte chegaria ao Brasil, onde, após grande e inesperado sucesso, teve problemas com a censura, que o proibiu por três anos. Mesmo com uma carreira prévia e depois lançando títulos como *Pega ele*, silêncio, Ignácio seria praticamente reduzido a “o autor de *Zero*” durante algum tempo. Até que outras folhas deram um novo capítulo para sua carreira.

O IPÊ-AMARELO

Na década de 1970 Ignácio morava em Perdizes, zona oeste de São Paulo, e adorava um ipê-amarelo quase centenário que tinha em sua rua — quando a árvore floria, era um espetáculo raro. Só que certo dia o ipê começou a secar. Definiu até morrer. Encucado,

o escritor conversou sobre essa morte com colegas de padaria e ouviu que todas as manhãs uma senhora regava o ipê. Não haveria nada de estranho nisso, não fosse um detalhe: a dona ia ter com a árvore mesmo em dias chuvosos. Desconfiou. Pediu para que uma amiga do departamento de botânica da USP desse uma olhada no caso e logo veio o parecer: a árvore tinha sido envenenada. Foi, então, conversar com a vizinha, que nem se preocupou em dar desculpas. Assumiu de pronto que havia se empenhado para dar cabo da “maldita” que sempre sujava sua calçada com “flores desgraçadas”.

Árvore maldita, flores desgraçadas... Aquilo ecoou durante algum tempo na cabeça de Ignácio, que começou a se interessar por assuntos ligados ao meio ambiente. Um dia, achou que tinha material suficiente para escrever um livro infantil, mas, ao começar a colocar as ideias no papel, notou que ramificações do assunto não paravam de surgir: desmatamento, aquecimento global, poluição... Então, o que era para ser algo destinado aos pequenos se tornou a ficção político-burocrata — definição do próprio autor — que é *Não verás país nenhum*, de 1981. “Tem livros que são importantes na minha carreira: o *Zero* me projetou nacional e internacionalmente. O *Não verás* me libertou do *Zero*, mostrou que eu não era autor de um livro só, que contava a mesma história de sempre: a censura, a ditadura...”

Um dos nomes mais festejados da literatura fantástica no Brasil atualmente, autor de *Ordem vermelha*, primeiro livro da série Filhos da degradação, Felipe Castilho é admirador de *Não verás*. “Tenho um carinho imenso pelo *Não verás país nenhum*, é uma leitura obrigatória para quem se interessa por distopias. Os jovens deveriam lê-lo porque tudo o que eles encontram em novas narrativas distópicas, como *Jogos vorazes* e *Divergentes*, já foi dito por um brasileiro, como pessoas que precisam tomar urina para sobreviver porque não tinham água. É um livro com uma escrita fluída onde há uma seca geral, o que é até irônico. Eu amo esse livro. Ele é uma das grandes distopias, ao lado de *Fahrenheit 451*, *1984* e *Admirável mundo novo*.”

A VIDA SE NORMALIZANDO NA ANORMALIDADE

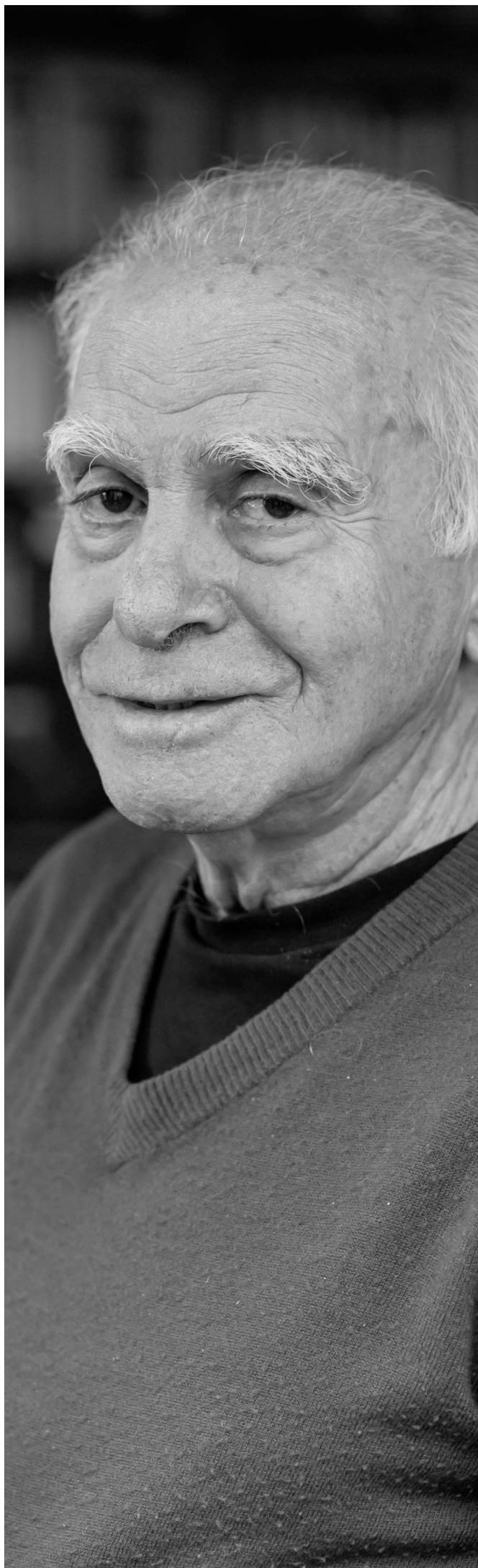
Não foi um ipê ou uma folha que serviu de ponto de partida para que Ignácio mergulhasse na escrita de *Desta terra nada vai sobrar...*, mas uma frase retirada das páginas de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que, ao olhar para a carnificina que acontecia em Canudos enquanto as pessoas continuavam tocando a existência, sentenciou: “A vida se normalizara naquela anormalidade”. “Esse foi o gatilho, é isso que está acontecendo hoje com a gente”, diz Ignácio. ➔

CAPA

Em *Desta terra nada vai sobrar...* temos um Brasil no qual pedidos de impeachment se tornaram um negócio tão lucrativo — impulsionados pelas compras de votos para se manter no cargo de quem ocupa a presidência — que papéis passaram a ser negociados em bolsas de valores mundo afora. O posto mais alto da nação é disputado por nada menos do que 1080 partidos. Escolas foram abolidas. Pastas como o Ministério da Saúde, Educação, Direitos Humanos, Meio Ambiente e Cultura não existem mais, algo cujo simbolismo ganha nova dimensão com um dos museus mais importantes do país virando cinzas praticamente ao mesmo tempo em que o livro é lançado. Comboios com mortos circulam pela cidade, enquanto a segurança é supostamente garantida com tornozeleiras eletrônicas que são acopladas nos indivíduos assim que nascem.

Ignácio aprendeu ainda na infância, com uma professora, que não existe absurdo na literatura, que “absurdo é a vida” e que, por conta disso, pode fazer o que bem entender em seus escritos. “Sou um cara perplexo hoje diante do mundo. O que vem depois? Tenho 82 anos, sou realista, não tenho muito tempo de vida, mas tenho filho e neto, então, qual será o mundo deles? O que vai ser do amanhã?” Dessa forma, projeta o presente no futuro para, ao cabo, bagunçar a cabeça de quem o lê. “Esse ponto do futuro é agora. A jogada é essa: confundir o leitor, porque está tudo muito confuso.”

Após o papo em seu apartamento, Ignácio enviou uma mensagem na qual apresentava um bilhete que escreveu para si mesmo sobre *Desta terra nada vai sobrar...* Com a li-



cença do autor, retiro aqui alguns fragmentos que condensam o que ele buscou retratar em seu novo romance:

“Assim como *Zero* nasceu do sufoco sob a ditadura, com censura, violência, torturas, mortes, prisões, guerrilhas, etc, depois do impeachment de Dilma senti que tudo andava confuso. O Brasil se dividiu. Os grupos cada vez mais acirrados. Os Nós, os Eles, os Aqueles, os Outros. Uma insegurança geral. A política se afundando na corrupção, o empresariado também, o parlamento apodrecido, vendendo-se, comprando, negociando, tudo um empório às claras. [...] Ensino afundando, violência generalizada, PCC, tráfico, drogas, ética dissolvida, moral apodrecida, honestidade perdendo sentido, [...] os conservadores, os reacionários, os cozinhas, os variados movimentos sociais se engalfinhando, os ataques a exposições de arte, os casos de pedofilia, inclusive na igreja, Trump, Coreia, Supremo Tribunal Federal transformado em uma geleia geral, sabemos a que partido político cada ministro pertence, os interesses que defendem, o mercado como um fantasma a surgir e assombrar, as redes sociais e seu avanços, as fake news, o Twitter, o Whatsapp, as notícias e delações que vazam, o fim da privacidade, tudo interfere em tudo”, escreve no início, para depois amarrar a mensagem:

“Tinha um projeto de romance sobre o Brasil atual. Não estava, como não estou entendendo nada. Via (vejo) meu país dissolvido, a democracia ameaçada. [...] A verdade em torno da frase: ‘Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana’. Por aqui me guiei, avancei, voltei, rasguei, prossegui. Queria entender e precisava relatar o caos. Do caos sairia a luz.

Para escrever busquei toda ironia que há em mim, todo delírio, avancei a loucura à enésima potência”.

É simbólico que a epígrafe presente em *Desta terra nada vai sobrar...* seja uma citação de Antonio Candido compartilhada pela neta do crítico: “Nasci em um mundo, me desenvolvi em outro, e agora estou neste terceiro, que não compreendo, do qual não sou parte”. É exatamente assim que Ignácio se sente. “Eu assinaria no lugar dele. Estamos vivendo a anormalidade normalizada. Em Canudos tudo tinha ficado vulgar e normal, as pessoas se matando, a barbárie naturalizada. Os alemães achavam que tudo estava normal enquanto o nazismo acontecia. Hoje estamos vivendo assim”, já havia me dito num papo uma semana antes de eu visitá-lo em sua residência.

“Mais do que um livro sobre apocalipse provável, é um livro sobre minha perplexidade”, segue Ignácio. “Este país do livro é o resultado da destruição, da derrocada do ensino brasileiro que produz analfabetos, semianalfabetos ou alfabetizados funcionais, sem capacidade de entender o que lê, ouve, sem compreensão do que se passa, de racionalização, sem pensamentos, portanto zumbis, manobrados, manipulados, escravizados”.

PROLÍFICO E GENEROSO

Toda essa incredulidade, no entanto, jamais paralisou o escritor, prova disso é sua própria produção. Alternando entre romances, crônicas, contos, livros infantis e de não ficção, já são mais de vinte títulos publicados. Um de seus favoritos é *Dentes ao sol*, romance de 1976, que aponta como seu maior fracasso: “Não vendeu nada, mas quem lê



adora”. Passando pelos trabalhos já feitos, menciona também *Veia bailarina*, um “livro estranhíssimo” sobre a maneira como sobreviveu a um aneurisma que o acometeu em 1996. “Sou um cara que vi meu cérebro por dentro. É uma coisa linda: um bloco de nuvens brancas com filamentos prateados”, recorda. Se arrepende de alguma obra? Não exatamente, mas diz que não reeditaria *Cuba de Fidel*, que retrata um bom momento da revolução cubana, que depois descambaria para a macabra ditadura castrista.

A escritora Paula Fábrio, autora de *Um dia toparei comigo* e vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura de 2013 com *Desnorteio*, por sua vez, destaca um outro título de Ignácio. “Tenho uma edição de *Cadeiras proibidas*, de 1988, ano em que foi promulgada a atual Constituição brasileira. Abro o livro agora, em 2018, às vésperas de uma das mais preocupantes e tumultuadas eleições no Brasil, quando o candidato e líder das pesquisas se encontra preso. Ganhei o livro em 1996, data do Massacre de Eldorado dos Carajás. Pergunto-me se a primeira linha do primeiro conto diz respeito ao nosso passado ou ao nosso futuro: ‘Os homens não bateram, porque há muito naquela cidade, ou país, a polícia não precisava bater para entrar’. Num embate entre o nonsense e a realidade, Loyola descreve o país e a vida de modo brilhante, louco, irônico e angustiante. Todos os títulos carregam o peso da palavra ‘homem’, cada conto, uma aula de literatura”.

Fã confesso do autor, Luiz Ruffato, que estreou na literatura em 2001 com o romance *Eles eram muitos cavalos* e logo se tornou um dos nossos mais importantes escritores contemporâneos, destaca que seu cole-

CAPA

ga “mantém uma obra coerente, o que não é muito comum. Poucos continuaram a produzir com qualidade. Ele propõe uma reflexão bastante importante sobre a história política brasileira, acompanhando o desenvolvimento desses últimos cinquenta anos, e não só refletindo, mas antecipando questões”.

Não só isso. Ruffato também vê Ignácio des- toando de certa “mesquinhez” do meio literário. “Ele está sempre atento ao que está sendo produzi- do por autores jovens e é extremamente generoso ao colocar seu nome qualificando livros desses escreto- res. Foi assim comigo, me ajudou muito escrevendo a orelha do meu primeiro livro. Devo muito a ele por- que, de alguma maneira, despretensiosamente, me deixei influenciar bastante pelo seu olhar.”

Ignácio, contudo, vê uma diferença na maneira como a geração atual e a sua encaram a literatura. “A minha geração tinha um inimigo [a ditadura]. Essa ge- ração nova eu acho que não tem contra o que lutar ou não está entendendo [o que está acontecendo], é mui- ta egotrip, muita intimidade, muito lamber o próprio umbigo. Agora não sou crítico, não sou ensaísta, não sou nada. Eu sou leitor.”

NOVAS FOLHAS

Leitor e, claro, entusiasta. Para o crítico li- terário José Castello, “Ignácio é um viajante luta- dor. Viaja não só pelas páginas de sua literatura, mas também pelos quatro cantos do Brasil, despertando mentes adormecidas, oferecendo questões incômo- das, estimulando a rebeldia e a independência inte- lectual. É um dos nossos escritores mais combativos, ligado profundamente ao mundo e às suas coisas, sem trair a qualidade de sua escrita. Um exemplo para todos nós”.

E Ignácio gosta mesmo de rodar pelo país. Há anos em que passa por quase 100 cidades encantando o público com histórias. Anima-se ao ver um Brasil que acontece quase que como se Brasília não exis- tisse, apesar de todos serem impactados pelo cenário político. Enxerga um povo bom, criativo e com for- ça de vontade, que poderia transformar a nação em uma potência se tivesse acesso garantido ao básico, como comida e trabalho. Exemplo cabal disso talvez venha de uma passagem por Ocara, pequena cidade do Ceará, onde semeou improváveis fãs.



Após a palestra para cerca de 200 pessoas, duas mulheres, uma com 82 e outra com 84 anos, o pararam na saída. Disseram que eram analfabetas e perguntaram como poderiam aprender a ler. Ignácio chamou uma professora que estava por perto e disse: “Está na sua mão”. As idosas, contudo, tinham mais dois questionamentos. “Uma falou: ‘Quando é época de plantar, eu vou na cooperativa e compro o milho, e o senhor, onde compra as letrinhas?’. A outra completou: ‘E como você pega essas letrinhas e coloca no papel?’”. O escritor ficou admirado e explicou melhor como funcionava o seu trabalho. Como recompensa, levou consigo um presente, uma garrafa do melhor mel que já provara. Dois anos depois, nova surpresa, esta muito maior: ao visitar Aquiraz, primeira capital cearense, reencontrou as senhoras, que, orgulhosas, disseram-lhe: “Agora nós sabemos ler”.

“Ali eu vi que a gente fica desesperançado, mas tem um Brasil que continua a viver e a pulsar; pessoas que procuram se refazer, construir uma vida. Será que não é uma maneira de resistir? Quem sabe outros milhares não possam encontrar um novo caminho: a leitura, a arte, o cinema, a pintura, o bordado... A gente complica muito a vida. A simplicidade pode salvar isso tudo aqui, se deixarem”. No entanto, o vislumbre otimista logo volta à realidade vista a partir de seu apartamento: “Mas como se refaz um país com a Câmara e o Senado sendo o que são?” Para Ignácio, as folhas da política estão no chão — e não por conta da natureza, como as de sua parede, mas apodrecidas pelo homem, tais quais aquelas do ipê-amarelo. ■

ZERO

GLOBAL EDITORA, 2010

Em um país da América Latíndia, no dia de amanhã, José mata ratos para ganhar a vida. Apesar de pobre, gosta de ler e, feito o homem comum que é, se entristece, ri, trepa, come e mijá, além de ter comprado uma casinha que não pode bancar. Como o pano de fundo da narrativa é uma época de repressão e dificuldades, o protagonista vê novas possibilidades no roubo e na delinquência. São as escolhas tortas de José que direcionam essa história caótica — tanto no conteúdo quanto na forma cifrada, construída a partir de recortes, onomatopeias, paródias, pastiches e apelo gráfico. A obra, lançada originalmente em 1974 pela editora italiana Feltrinelli devido às restrições impostas pela censura brasileira da época, sobrevive como um testemunho da ditadura militar que assolou o Brasil a partir da década de 1960.

NÃO VERÁS PAÍS NENHUM

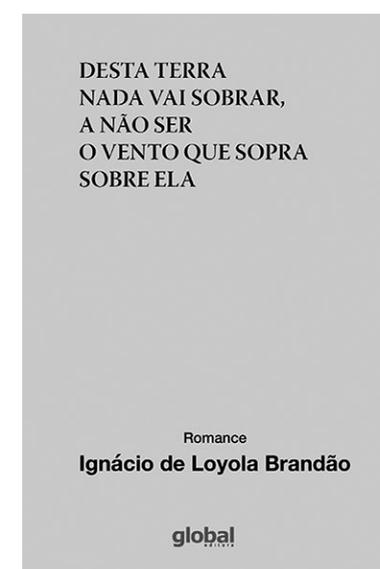
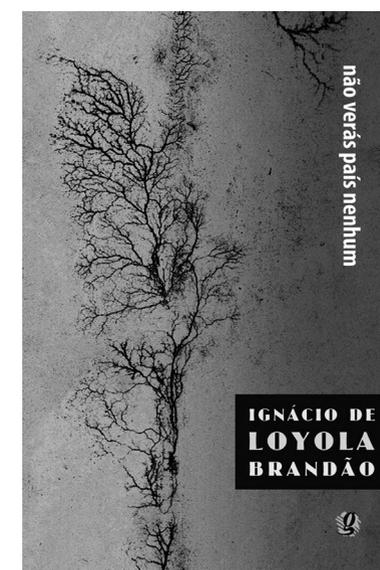
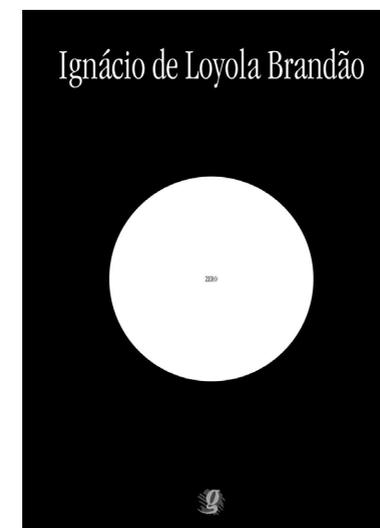
GLOBAL EDITORA, 2008

Em mais uma narrativa distópica, a exemplo do pioneiro *Zero*, Ignácio de Loyola Brandão dá à luz o narrador Souza, um professor de História que está afastado de seu ofício por determinação de uma lei de segurança e reporta a degradação do país em que vive, que está tomado por um sistema totalitário que se vale da propaganda, do controle da imprensa e da contenção das massas para manter o controle. Nesta obra que venceu o Prêmio Illa de melhor livro latino-americano publicado na Itália em 1983, o calor infernal, a falta de água, as flores artificiais, a escassez de recursos naturais, a podridão política e a alienação generalizada determinam o curso da narrativa, num misto de romance policial, de aventuras, de amor e ficção científica.

DESTA TERRA NADA VAI SOBRAR, A NÃO SER O VENTO QUE SOPRA SOBRE ELA

GLOBAL EDITORA, 2018

Encerrando uma espécie de trilogia distópica iniciada com *Zero* e continuada em *Não verás país nenhum*, este romance parte da separação do casal Clara e Felipe para montar, mais uma vez, um panorama futurístico pouco agradável, mas estranhamente atual. Num tempo mais uma vez incerto, a vigilância é absoluta e constante, a torção eletrônica é regra desde o nascimento, os ministérios ligados à cultura, aos direitos humanos e à natureza foram extinguidos e reina o desgoverno, apesar da coexistência de 1080 partidos políticos. Nesse cenário, não é à toa que o aviso é dado logo de início: “atenção, passageiros: afivem os cintos! Vamos atravessar áreas de extrema instabilidade e violentas turbulências”.



POEMAS | LUIZA MUSSNICH

COMEÇOS

sabonetes
filhotes
relacionamentos:
coisas que não deveriam ficar
expostas ao tempo

O TABULEIRO DE XADREZ DA MESA

da praça
continua

CÍRCULO

estar sem óculos
precisando dos óculos
para pôr os óculos
não encontrar os óculos
quando está sem óculos
porque está sem óculos
para achar os óculos

IMPERFETTO

(para Victor Heringer)

!3/!5

poucas coisas doem
tanto como precisar do pretérito imperfeito
para se referir a alguém
que gostaríamos que fosse
sempre presente

15A

o mundo parece mais bem organizado
de cima
um homem bonito
de longe

GEOGRAFIA DE UM COALA

(para Alexandre Gontijo)

há um homem que só poderia existir
numa cidade
como o Rio
andando como se estivesse
perdido
tivesse perdido
alguém de vista
alguém sempre à vista
sempre avistaremos você
perdidos
na próxima esquina

FINS

terminar um livro
um casamento
onde estaria daqui a alguns anos
o personagem
o marido
sobreviverá ele à estante
às memórias
o livro:
podemos reler.
!5/!5

FECHO

fechar portas é diferente de fechar parênteses
e o livro?

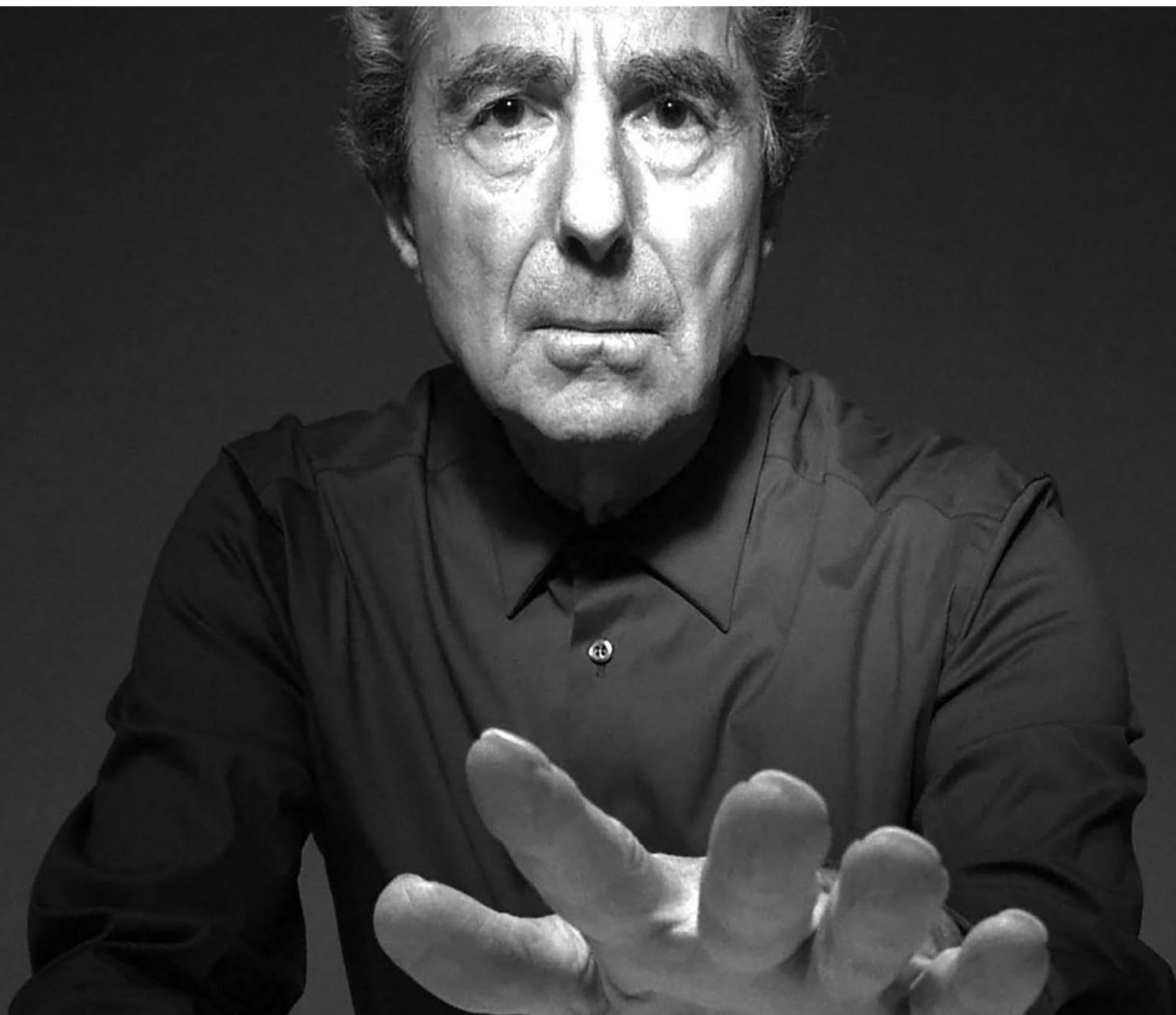
CACOETE I

o jogador chuta
olha
para a rede
depois de lançar
a bola
aponta para as câmeras
grita alguma coisa
faz o balancinho com as mãos
abraça o centro avante que fez o passe
depois os companheiros
leva as mãos à cabeça
tiro
de meta
merda

CACOETE II

!4/!5
o goleiro olha
para trás
depois de perder a bola
de vista
para ter certeza de que foi para fora
bateu no travessão
passou por cima do gol
balançou a rede
olhos fechados com força ■

LUIZA MUSSNICH nasceu em 1991, no Rio de Janeiro. É autora dos livros de poesia *Microscópio* (2017) e *Lágrimas não caem no espaço* (2018). Os poemas desta série serão publicados ainda este ano pela editora 7Letras em *Telescópio*.



A SEMENTE DA DÚVIDA

O escritor e tradutor Paulo Polzonoff Jr. reflete sobre o pessimismo na obra de Philip Roth, traço que marca, principalmente, a produção final do autor, morto este ano

PAULO POLZONOFF JR.

Com licença.
Peço por obséquio permissão para entrar no seu lar, talvez até na sua cabeça, a fim de plantar uma ideia. Você pode muito bem recusar e eu vou entender. Juro que não vou ficar chateado. Até entendendo essa rejeição. Talvez até espere por ela. Sei que plantar a ideia que quero plantar é mais difícil do que distribuir *O sentinela* na manhã de um sábado chuvoso de feriado. Porque a dúvida, apesar de idolatrada em teoria, na prática é mais rejeitada do que cachorro sarnento. Quem esse idiota pensa que é para trincar o cristal fino das minhas convicções estéticas?

(Ninguém).

Como péssimo jardineiro que sempre fui, começo preparando o que hoje chamam de substrato, mas que seu avô provavelmente chama apenas de terra. Com direito a estrume e tudo. Digo, assim despretensiosamente, que Philip Roth, tema deste texto, se tornou uma unanimidade nos últimos anos. Nas últimas décadas. Ele é (ou era) o escritor incontestável, sempre indicado ao Nobel, sempre digno de superlativos. Aquele escritor para o qual a palavra “gênio” ficou pequena demais.

E é exatamente aí que deposito a delicada e rara semente da dúvida. Quando de sua morte, todas as eulogias falavam de Roth como escritor imprescindível, obra canônica, retrato do nosso tempo e coisas do gênero. Não faltaram lugares-comuns como “um soco na boca do estômago” e “repensar a condição humana”. Mas como distinguir o que é a obra, e o peso real da obra, sua relevância nesse infinito chamado tempo, e o que é tão somente aquele desejo muito humano, muito com-

preensível e muito equivocadamente de “pertencer” — e de usar uma carreira literária e um nome, o de Philip Roth, como carteirinha deste clube onde jantam animadamente os comensais e seus espelhos?

Philip Roth foi, nos últimos tempos, um fenômeno literário que nunca consegui compreender direito. Principalmente no Brasil. Estou aqui olhando para as lombadas dos livros e me perguntando como se estabeleceu essa relação de profunda identificação entre um escritor judeu, de temas essencialmente judaicos, e o leitor tupiniquim, de base religiosa completamente diferente? E sim: estou questionando a universalidade da obra de Philip Roth, sobretudo nos livros que o transformaram neste fenômeno social que pouco ou nada tem a ver com a literatura. Quanta ousadia a minha!

Será o sexo o que torna Roth ainda tão necessário para alguns? É bem possível. O livro que fez a fama de Philip Roth, *O Complexo de Portnoy*, é marcadamente sexual. Quando lançando, ele foi chamado de indecente, de ousado, de todos os adjetivos que a gente usa quando está diante de uma obra revolucionária no meio da revolução. Eu não estava lá para testemunhar, mas uma pesquisa rápida nos arquivos da época basta para dar a dimensão do que foi este livro: uma cabeça rolando em direção à multidão, no dia mais movimentado da guilhotina.

Tanta indecência, tanta ousadia, tanta autoinvestigação e, por que não?, tanta masturbação (física e intelectual) para quê? Em 1972 talvez até houvesse mocinhas que corassem diante da famosa cena em que o protagonista alivia seus instintos primitivos num pedaço de fígado. Talvez

até alguns homens mais puritanos ficassem indignados. Mas hoje, passados quase meio século, o que era indecência se tornou norma e qualquer resquício de ousadia se perdeu. Para escrever este texto recorri ao *Portnoy* e nele encontrei não tédio, e sim normalidade. Não é algo bom de se encontrar naquela que é considerada a obra-prima de um escritor ousado e até revolucionário.

E aqui talvez valha a pena abrir um parêntese grande para confessar um crime que está sendo cometido neste exato momento, enquanto escrevo este texto que, com alguma sorte, você lê sem sentir tanta raiva assim. Manda a Lei Maior dos Homens que Leem Livros e Sobre Eles Escrevem, em seu artigo quinto, parágrafo segundo, inciso meia-dúzia que, depois da morte de um autor, deve-se esperar quinze anos, nunca menos nem mais do que isso, para se analisar a obra e bater o autoritário martelo da canonicidade. Sob pena de o crítico ser acusado de mimetismo (alô, fãs de Girard!), insensibilidade pura e simples, falta de perspectiva histórico-literária ou estupidez mesmo. Ou seja.

Paradoxalmente, a dúvida só pode ser plantada em solo com altos níveis de evidente qualidade. Afinal, eu não estaria aqui caminhando sobre ovos se Philip Roth não tivesse escrito livros bem acima da média do que se lê por aí. *Operação shylock*, por exemplo. Ou o magnífico *O Teatro de Sabbath*. Aí estão dois exemplos do pensamento literário submetido à imaginação, como deve ser (“Quem esse cara pensa que é para dizer como as coisas devem ou não ser?!”). Se daqui a quinze anos as pessoas ainda souberem juntar as letrinhas e, por acaso, o

LEGADO | PHILIP ROTH

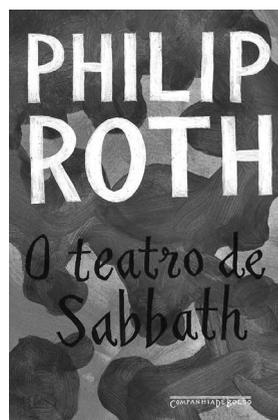
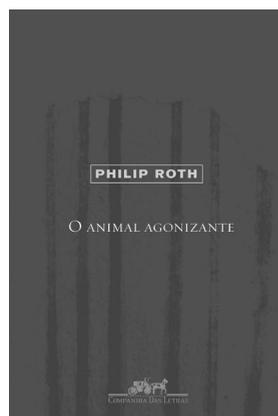
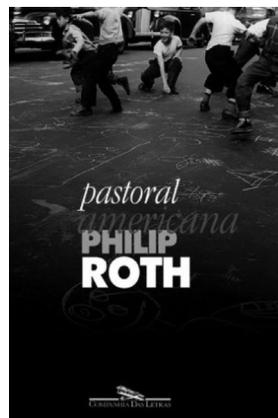
nome de Roth vir a ser evocado, acredito que será por causa desses dois livros. E por causa do *Portnoy* também; afinal, nada mais divertido do que, numa mesa de bar, impressionar os amigos e ruborizar as amigas com histórias de masturbação. Porque, se fosse possível escolher *A Coisa Mais Canônica de Todos os Tempos*, escolheria sem dúvida nenhuma a capacidade de qualquer um abalar o puritanismo do neófito.

Operação shylock é um primor e, neste livro, Roth abandona de fato a confortável trincheira do judaísmo para lutar o bom combate que une a todos nessa existência aparentemente sem propósito. Ao tratar da dicotomia insuperável eu/outro com leveza, humor e inventividade, ele realmente molha o pé no oceano da glória eterna (eterna até o meteoro, mas ainda assim). Em resumo, se você me leu até aqui para escolher um livro de Philip Roth a fim de impressionar aquela menina ou para dar de presente ao seu pai no Natal, nem hesite. (Não excluo a remota possibilidade de você querer também compreender questões de individualidade e identidade. Estou só sendo jocoso de uma forma à qual você provavelmente não está acostumado).

E agora chegamos, no texto, ao ponto em que a dúvida, antes de germinar, se transforma num grotesco amontoado de potencialidades, passível de ser confundida, por um leitor mais distraído, com um verdadeiro monstrengo da má-vontade. Não é e não sou.

TRILOGIA

A parte da obra de Philip Roth que mais incômodo me causa é a da “trilogia americana”, composta por



Pastoral americana, *Casei com um comunista* e *A marca humana*. E não me refiro ao incômodo bom dos grandes romances; estou falando mesmo é daquele incômodo ruim que a gente sente quando está diante de um escritor ambicioso, mas também condescendente. Já tendo alcançado “os pícaros da fama” (sempre quis usar “pícaros” num texto), Roth se pôs a tentar escrever o grande romance norte-americano de todos os tempos — essa espécie de Santo Graal lá deles.

E fracassou. Um fracasso que, em si, e contraditoriamente, não tem como dar errado. Porque se trata de um fracasso compartilhado por todos os escritores norte-americanos de médio e grande porte no século XX (e nesse pedacinho de XXI também). Trata-se de uma missão suicida que uns poucos admiram e que tendo a ver com um quê de solidariedade.

A trilogia americana de Roth coincide com a perda de um sentido mais espiritual em seus livros. E não me refiro, aqui, à religiosidade. Claro que não. Até porque o judaísmo está lá, sempre presente, e o humor também é indício de uma ligação com algo maior. A partir deste ponto, contudo, Roth parece cometer o pecado que tem cometido a maioria dos escritores contemporâneos: a submissão inquestionável da pena ao intelecto.

Isto é, a certeza (nunca explícita, mas sempre latente) de que o cérebro é capaz de imaginar e expressar uma ordem compreensível. De que o escritor é capaz de compor personagens e narrar situações abrangentes, perfeitamente analisáveis dentro do que se conhece como ciências humanas. É como se o escritor fosse um gato brincando com o grande novelo de caos que é a vida. Depois de um

tempo jogando a bola de lã de lá para cá, o escritor acredita que a meada tem sentido não só para si, mas para todo mundo, e se põe a ronronar esses romances que são o novelo reduzido à sua essência: a lã sem a beleza da esfera, a ordem falsa, equivocadamente dissociada do caos.

Pensando bem (tanto quanto me é possível) e pensando agora, neste exato momento, a autocondescendência deste Philip Roth escravo do próprio talento e da ideia de que era capaz de envolver todo um mundo com sua prosa talvez explique o mergulho óbvio no niilismo de seus livros tardios. O escritor e, por consequência, a obra, não souberam envelhecer porque, em algum momento, ele comungou com essa certeza muito intelectual, no sentido mais terreno do termo, de que somos tão somente uns animais aos quais é negada qualquer possibilidade de redenção.

Não entendo como os leitores dos livros mais tardios de Philip Roth não percebem que eles são uma confissão de fracasso. Não há ali beleza; só trevas. Sim, sei que há quem goste de trevas, e quem sou eu para julgar, não é mesmo? Mas não gosto e me encolho todo, numa cólica existencial, ao me lembrar da sensação de ler livros como *O animal agonizante* e *Homem comum*. Eles são a prova de que o homem ensimesmado, confiante demais em sua capacidade de ver, analisar e retratar o mundo, sempre pelo prisma obscuro do cinismo, não passa de um fracassado, por mais que seu nome tenha sido sempre cogitado para o Nobel de Literatura.

Não espero que você concorde comigo. De jeito nenhum. Como disse no começo deste texto, meu objetivo aqui é plantar a sempre saudá-

REPRODUÇÃO



vel dúvida. No final das contas, o que há para admirar em Roth? Não, não vejo o mundo com olhos cor-de-rosa. Sei que há depravação espiritual, perversidade, sadismo e decadência para onde quer que se olhe. E sei muito bem que esse clima nublado de Curitiba combina perfeitamente com todos os pensamentos niilistas de Roth ou qualquer escritor semelhante — e são muitos. Mas a literatura, sobretudo a literatura canônica, é feita de beleza — beleza esta que existe até mesmo num velho caquético à beira da morte, narrando seus problemas com a próstata inchada. Desde que o escritor saiba escrever com o espírito, claro.

Não ignoro que Philip Roth desperte nas pessoas uma paixão que nada tem a ver com a literatura e que a obra dele será mais bem analisada daqui a quinze anos, como manda a lei. Sei que é boa a sensação de pertencimento, de comunhão (algo profana) que escritores como Roth causam. E não quero, de jeito nenhum, que minha semente da dúvida se transforme numa planta carnívora capaz de estraçalhar esta ou outras sensações positivas. Peço licença, pois, para me despedir, pedindo também desculpas por não compartilhar completamente da euforia.

Licença. E me desculpe. ■

PAULO POLZONOFF JR. é escritor e tradutor. Em outubro lança o livro de crônicas *Desculpe e outros textos que ninguém vai ler*.

OS EDITORES | ISA PESSOA

PLENO SUCESSO

Isa Pessoa relembra episódios importantes de sua carreira no mercado editorial, incluindo o período em que atuou como diretora da Objetiva, onde editou livros importantes como *Pornopopéia*, de Reinaldo Moraes, e best-sellers de Luis Fernando Verissimo e Paulo Coelho

ALVARO COSTA E SILVA

Como diretora editorial da Objetiva, Isa Pessoa foi responsável pela coleção Plenos Pecados, que na década de 1990 emplacou todos os sete títulos na lista dos livros mais vendidos, façanha que incluía autores nacionais como João Ubaldo Ribeiro, Zuenir Ventura e João Gilberto Noll.

Com a compra dos direitos da obra de Luis Fernando Verissimo, que se transferiu da gaúcha L&PM para a editora carioca, ela ajudou a fazer outro fenômeno: a coleção “Comédias para Ler na Escola”, uma ideia do próprio Verissimo, que vendeu cerca de dois milhões de exemplares.

“Um projeto desse tipo, para dar certo, em primeiro lugar tem de seduzir o autor”, ensina Isa Pessoa.

Jornalista de formação, Isa se tornou uma editora que elegeu o estilo americano para trabalhar: “Eu costumo traçar os originais. Fico lendo, anotando, sugerindo, corrigindo, cortando, pensando. Mas sempre converso muito com o autor e, se ele diz não, é não”, garante.

Depois de 17 anos na Objetiva, ela abriu a editora Foz em 2012, com ênfase na publicação de autores brasileiros — Nelson Motta, Marcelo Rubens Paiva, Ruy Castro, Paulo Scott —, mas foi atropelada pela crise econômica do país, atraso de pagamento nos programas de compra de livros e cancelamento de editais do governo.



“O livro impresso ainda pode reconquistar os leitores perdidos. O Brasil já teve a média de quatro livros-ano por leitor. Hoje caiu para dois. Se voltar ao que era, é o dobro”, diz Isa, que agora é diretora editorial da Tordesilhas.

Uma das propostas da série “Os Editores” é mapear a produção editorial brasileira nos últimos 40 anos. O que você destaca no período?

A oferta de livros acadêmicos e obras de referência, aí incluídas as biografias, que tivemos a partir dos anos 1980. Claro que antes eles já eram editados, mas a qualidade, e também a quantidade, do que passamos a fazer melhorou muito. Lembro que a década de 1980 foi bem a cara da Nova Fronteira, as capas exuberantes do Victor Burton, os livros do João Ubaldo Ribeiro. E da Brasiliense, em São Paulo, com a coleção Cantadas Literárias, que todo mundo amou ler. Quem tinha 20 anos e leu o romance *Tanto faz*, do Reinaldo Moraes, não esquece. Na virada para os anos 1990, o destaque é a profissionalização do editor. Não havia alternativa. O mercado naquele momento exigia um tipo de profissional novo, quase virgem, para lidar com tantas novidades que o processo de transformação exigia. Daí a chegada de muitos jornalistas, que por ofício são pessoas versáteis.

Você é parte dessa leva de novos profissionais.

Sou jornalista de formação. Trabalhei n’O Globo, repórter de cultura, cobrindo as áreas de cinema e literatura. Depois fui para a TV Globo, trabalhar como editora do noticiário internacional. Foi lá que conheci o Roberto Feith. Em 1991 ele comprou uma editora. Fomos trabalhar juntos no porão de uma pequena casa no Jardim Botânico. Era a Objetiva.

Por que a Objetiva deu certo?

Porque deu liga. Cresceu muito. Eu e Roberto Feith formamos, sem falsa modéstia, uma grande dupla. Ele é um editor frio, inteligente, experiente. Eu era o ímpeto. A contratação do Paulo Coelho, em 1996, por exemplo. Foi a primeira vez que uma editora ocupou a capa de um jornal para uma matéria de economia. Um negócio de US\$ 1 milhão, para escrever quatro romances. Depois chegamos a ter 13 títulos do autor em catálogo. Um grande momento nosso e do Paulo.

O que você fazia na editora?

Eu me dediquei a pensar a área de não ficção, que é mais atraente para o leitor, vende duas vezes mais que a ficção. E a criar projetos, aí incluindo também os livros de ficção. Criar no sentido de fazer livros por encomenda, o que naquele momento parecia uma coisa pouco ou nada ética. Havia no mercado uma espécie de mandamento: não cobiçarás o autor do próximo. As pessoas diziam: “Você quer um livro do Luis Fernando Verissimo na sua editora e está inventando uma desculpa”. Sim, era uma desculpa. Enfrentamos algumas guerras.

Que tipo de guerra?

Estou brincando. É claro que você não vai chegar para um escritor que é bastante ligado a um editor, que cuida e conhece a obra dele há anos, e dar uma simples cantada. Mas é normal que ele fique tentado a fazer algo diferente. Um projeto que fizesse sentido para o autor, que o seduzisse.

Você está falando da coleção “Plenos Pecados”, lançada nos anos 1990?

Os sete livros da coleção entraram na lista dos mais vendidos quase ao mesmo tempo. O João Gilberto Noll, com *Canoas e marolas*, um livro sobre a

preguiça, chegou ao primeiro lugar! Vendeu 60 mil exemplares. A luxúria de *A casa dos budas ditosos*, do João Ubaldo, vendeu 400 mil. Os outros autores eram Zuenir Ventura (inveja), José Roberto Torero (ira), Luis Fernando Verissimo (gula), o chileno Ariel Dorfman (avareza) e o argentino Tomás Eloy Martínez (soberba). Foi um momento em que nós conseguimos emplacar autores nacionais de qualidade na lista dos mais vendidos, o que hoje não acontece mais de maneira nenhuma. Lembro que um editor mais velho comentou, professoral, o sucesso da coleção: “Isso são ciclos”. “Ciclos?”, eu perguntei, me fingindo de espantada.

Começou aí a aproximação da editora com o Luis Fernando Verissimo?

Trazer o Verissimo para a editora foi uma promessa que fiz ao Roberto Feith, num jantar na casa do Paulo Coelho. No dia de São José, 19 de março, o Paulo sempre reunia os amigos. O Rio de Janeiro que valia a pena, em peso, sempre estava presente. Lá pelas tantas, cheguei para o Roberto e disse que ia a Porte Alegre conversar com o Verissimo.

Você tinha certeza de que iria funcionar?

Eu sempre adorei o Verissimo. Como ele escreve! Vivíamos o início do governo FHC, e logo ele começou a fazer oposição, era uma leitura obrigatória naqueles dias. O Verissimo tinha uma relação longa com a L&PM, uma ótima editora. Mas havia questões que não estavam bem satisfeitas entre autor e editor. Pintou a brecha, e nós entramos. A Vide Verissimo, a primeira coleção que fizemos, ficou de uma elegância absurda, mas acabou não funcionando tão bem financeiramente. Eram três livros: *A eterna privação do zagueiro absoluto*, textos sobre futebol, cinema e literatura; *Aquele estranho dia que nunca chega*, sobre política e economia; e *Histórias brasileiras de verão*, com ênfase no humor. Depois, a Objetiva fez uma oferta para comprar a obra inteira e retrabalhá-la. Aí peguei uns 30 títulos já publicados, para pensar no que fazer. Eu ficava até tarde na editora, lendo aqueles livros todos. Três meses de leitura intensa, sem parar, mas eu adorei. Ri muito.

Como foi o trabalho de seleção?

As obras dele antes eram editadas de forma cronológica. Havia sempre uma edição especial de fim de ano, tipo o programa do Roberto Carlos. Normal. Eu também faria isso. Não tem nada de errado. Mas como tivemos a oportunidade de refazer tudo, não íamos desperdiçá-la. As pessoas pensam que eu bolava os livros tendo em mente um tema, mas isso é bobagem. Não é simplesmente isso. A ideia era revelar as nuances das fixações do cara. Lembro de falar ➔

OS EDITORES | ISA PESSOA

para o Verissimo: “O primeiro livro será sobre mentira”. Ele riu e disse: “Pensei que seria sobre sexo”. Mas os textos mais engraçados envolvendo um casal, por exemplo, são aqueles em que um estava enganando o outro. Então fizemos *As mentiras que os homens contam*, um tremendo sucesso. Vendeu 500 mil exemplares.

Isso seria possível hoje?

São coisas que não se repetem. Como a série “Comédias Para Ler na Escola”, uma ideia do próprio Verissimo. É aquela em que mostramos nas capas um bonequinho dele. Foi de uma empatia enorme. Essa coleção é responsável pela maior vendagem da história da editora: um total de dois milhões de livros. Hoje em dia é difícil vender dois mil exemplares.

O que dá certo e não dá certo num livro de não ficção?

Se eu soubesse...

Como era dividido o trabalho na editora entre você e o Roberto Feith?

Eu cuidava de toda a área nacional, selos e autores. O Roberto, da parte internacional. Na minha alçada ficavam as coleções com possíveis vendas para o governo. Eram concorrências abertas. Você tinha de criar um produto em pouco tempo, três meses. Esse tipo de trabalho sob pressão, mas que necessariamente tem de resultar em algo de qualidade, me fascina. Bolar cinco livros, sobre um tema específico: A biblioteca é a minha casa, por exemplo. Conseguimos ganhar por três anos seguidos, o que é sensacional para a sustentação de uma editora.

Depois veio a frustração, quando o governo parou de comprar.

Os programas de compras estão praticamente suspensos ou extintos. Nos últimos quatro anos, o governo parou de comprar. Um edital importante representava de 30% a 40% do faturamento de uma editora. Ganhando, você garantia o ano. Além de ser enriquecedor de outra maneira, mais profunda. Fui fazer recentemente



DANIEL RAMALHO/CÂNDIDO



te uma entrega de livros na biblioteca da favela da Maré e fiquei emocionada vendo as crianças lendo. Isso foi exterminado. Agora, temos de nos habilitar para não depender do governo em nenhuma hipótese e, ao mesmo tempo, estar preparado para quando o governo fizer sua parte.

Qual a situação hoje?

Estamos um traço melhor do que 2016, o “annus horribilis”. Vinte milhões de desempregados, queda da Dilma, o fracasso do PT. Um editor definiu bem: o ano da tempestade perfeita. 2017 ficou parecendo uma música do Belchior: “Ano passado eu morri, mas este ano eu não morro”.

O cenário pode melhorar?

O livro impresso ainda tem a boa nova de que pode reconquistar os leitores perdidos. O Brasil já teve a média de quatro livros-ano por leitor. Hoje caiu para dois. Se voltar ao que era, é o dobro. Na França são 20 livros por pessoa, na Argentina, sete. Somos uma vergonha, mas uma vergonha com possibilidades. Quando a Santillana, o grande grupo espanhol, comprou a Objetiva, ela enxergou aqui essa possibilidade de crescimento. Que funcionou, de 2005 a 2010.

E fora do livro impresso?

O livro eletrônico não decolou. Só para aquele leitor voraz, que quer chegar primeiro. No Brasil, não passa de 1%. Exagerando, é quase o número de profissionais do livro. Acho que temos de aprender a conquistar e a viver no tempo dos millennials, aqueles que nasceram sabendo mexer num smartfone. Integrar-se às redes sociais. Elas podem formar o leitor e não competem com o livro. ➔

OS EDITORES | ISA PESSOA

Como você lida com os originais?

Eu costumo traçar os originais. Sou mais chegada ao estilo americano de editar, ou seja, gosto de entrar mais no texto. Fico lendo, anotando, sugerindo, corrigindo, cortando, pensando. Se vocês pudessem ver um original desses, iam pensar que sou louca. Mas sempre converso muito com o autor: “Vou fazer tudo para que o livro melhore, não há ninguém mais interessada nisso do que eu. Você pode confiar”.

E eles confiavam?

Claro que não! Tive várias brigas, de ficar sem falar com a pessoa. Depois peço desculpa. Para evitar isso, hoje continuo trabalhando do mesmo jeito. Mas digo antes: “Você é o soberano. Se você falar não, é não”.

Foi assim com o *Pornopopéia*, do Reinado Moraes?

O original tinha mais de mil páginas. É um livro fantástico, um dos mais importantes publicados por um autor brasileiro nos últimos anos. E o mais desafiador é que ele já tinha sido recusado por duas grandes editoras.

Fale sobre a Foz, editora que você abriu em 2012.

Na Foz, investi no livro eletrônico. E infelizmente me dei mal. Quando saí da Objetiva e fiz meu próprio negócio, eu também estava apostando nos editais do governo. Isso num primeiro momento, dois ou três anos, para plantar a editora. Procurei autores nacionais, a turma que eu já conhecia. A ideia era trabalhar ao lado deles, bolar os livros a quatro mãos. E, lógico, possibilitar que eles os escrevessem. Ou seja, dar um adiantamento alto em dinheiro.

**Que livros você fez?**

Entre outros, um ensaio do Francisco Bosco intitulado *Alta ajuda*; duas coletâneas de textos do Ruy Castro, *Morrer de prazer* e *Os garotos do Brasil*; duas obras do Marcelo Rubens Paiva, *As verdades que ela não diz* e *E aí, comeu?*; dois romances do José Eduardo Agualusa, *Teoria geral do esquecimento* e *A rainha Ginga*; outro do Paulo Scott, *O ano em que vivi de literatura*; e um livro chamado *As sete vidas de Nelson Motta*, do próprio. Me orgulho muito desse catálogo. Mas a editora não deu certo.

Por quê?

Eu precisava ter muito mais dinheiro e a felicidade de quatro anos prósperos. Foi uma aventura um tanto ingênua, romântica. Agi como uma militante do autor nacional. Meus contratos pagavam para o autor 12% do preço de capa. Ninguém faz isso. Tem lugar pagando 8%, sendo que a praxe sempre foi 10%. Quando eu comecei, fizeram apostas entre os profissionais de certa editora carioca: qual seria o tamanho do meu fôlego? Infelizmente eu não tinha um fôlego de 50 anos de tradição nem de R\$ 50 milhões no banco.

Novos planos?

Vou trabalhar na Tordesilhas Livros, um grupo que existe há 20 anos. Serei a nova diretora editorial, um cargo que eles acabam de criar. Mais ou menos como atuei na Objetiva, me relacionando com os autores nacionais. Já comecei a contratar alguns títulos. E vou morar em São Paulo. Deixar Ipanema, o que nunca pensei que iria acontecer na minha vida.



O que é um texto literário bom?

O melhor que pode acontecer com um livro é fazer você gargalhar, na cama, antes de dormir.

O que é um texto literário ruim?

É aquele que você esquece no dia seguinte. Como aquelas pessoas que são uma vírgula na sua vida.

Qual seu maior acerto ao longo da carreira?

As coleções que fiz para estudantes.

O maior arrependimento?

Foi ter batalhado para criar o selo de auto-ajuda na Objetiva, o Fonta-

mar. Não funcionou, à exceção de um único livro: *Mentes perigosas*, de Ana Beatriz Barbosa Silva.

O que você acha do livro de colorir e de outras ondas editoriais?

Os chamados fenômenos são inevitáveis. Agora são os youtubers. O melhor é tirar proveito deles. Porque eles enchem o caixa da editora e fazem o movimento crescer. É saudável que tenha gente indo a livrarias à procura de livros, não importa que tipo de livros. Na época do livro para colorir, em 2015, eu bem que gostaria de ter um deles para salvar o lado econômico da minha editora. Só não entendo por que eles entram na lista dos mais vendidos como não ficção. Não ler nenhuma palavra impressa é não ficção? É do mesmo gênero ao qual pertence o *Gay Talese*? Livro para colorir é outro bicho, precisa de uma classificação diferente. ■

EVENTO

FLIBI REÚNE MAIS DE

60 CONVIDADOS

NA BIBLIOTECA

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



Mary Del Priore, Eduardo Bueno e Mel Duarte: destaques da Flibi 2018

De 22 a 27 de outubro, a segunda edição da Festa Literária da Biblioteca (Flibi) terá palestras, bate-papos, oficinas, apresentações de teatro e música

DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná realiza de 22 a 27 de outubro a segunda edição da Flibi, a Festa Literária da Biblioteca. O evento acontece durante a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca com palestras, bate-papos, oficinas, apresentações de música e teatro. São mais de 60 convidados. Este ano, o escritor homenageado é Jamil Snege (1939-2003), que estreou na literatura há 50 anos com o livro *Tempo sujo* (1968). O curador da Flibi é o escritor e jornalista Marcio Renato dos Santos. Toda programação tem entrada franca.

A Flibi 2018 traz convidados para bate-papos e palestras a partir das 19h no auditório da Biblioteca com a presença de intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras). Mary Del Priori fala sobre a história do amor e da sexualidade no Brasil no dia 22 de outubro. Eduardo Bueno apresenta na quarta-feira, 24, a palestra inédita *Paraná: dos primórdios à República de Curitiba*. Na quinta-feira, 25, Edyr Augusto e Fernando Bonassi debatem os pontos de contato entre recriação da realidade e violência. Na sexta, 26, Mel Duarte é a convidada de mais uma edição do projeto Um Escritor na Biblioteca.

A Arena BPP, no hall térreo, recebe diversos encontros. Na segunda, 22, tem debate sobre autopublicação com Alessandro Andreola, João Varella e Bruno Zeni às 14h e, a partir das 16h, o coletivo artístico curitibano Selvática fala sobre o seu percurso. Giovana Madalosso e Adriana Sydor discutem a narrativa feminina na terça, 23, às 14h e, no mesmo dia e local, mas às 16h, Jotabê Medeiros, autor de

Apenas um rapaz latino-americano, faz palestra sobre biografias e Belchior. Na quarta, 24, Marden Machado analisa as adaptações de obras literárias para o cinema às 14h e, às 16h, tem bate-papo sobre literatura de fantasia com Bárbara Morais, Enéias Tavares e Nikelen Witter. Debate sobre o futuro das bibliotecas e encontros com autores paranaenses, como Jandira Zanchi e Otavio Linhares, entre outras atrações, também acontecem durante a Flibi 2018 na Arena BPP.

JAMIL, MÚSICA, CINEMA E MUITO MAIS

Um dos mais cultuados nomes da literatura paranaense contemporânea, Jamil Snege é o homenageado desta edição da Flibi. Rafael Camargo vai encenar no auditório, no dia 23, às 19h, *Eu se errei* — montagem elaborada a partir do legado snegiano. Kenni Rogers e poetas curitibanos realizam 10 leituras de fragmentos de prosa e poesia de Snege, de segunda (22) a sexta-feira (26), sempre às 10h30 e 15h30, em salas e espaços da BPP. Já o escritor Nelson de Oliveira faz palestra sobre a produção do escritor curitibano na segunda, 22, às 11h, na Arena BPP, no painel Memória literária — a vida e a obra de autores paranaenses (Helena Kolody, Wilson Bueno, Laura Santos e Paulo Leminski) também serão debatidos no mesmo espaço e horário durante a semana por outros convidados.

A Flibi 2018 reúne cinco atrações musicais que se destacaram, com público acima da média, durante o projeto Música na Biblioteca, criado em 2012 com a finalidade de colocar artistas



Selvática: o coletivo entra em cena na Arena BPP

de todos os estilos em contato direto com os frequentadores da BPP. Bruno Hrabovsky, Perla Flamenca, Dinamite Combo, Mano a Mano Trio e Janine Matias apresentam-se, respectivamente, nos dias 22, 23, 24, 25 e 26 de outubro, a partir das 17h, no hall térreo.

Já o encerramento da Festa Literária da Biblioteca fica por conta de uma apresentação pocket do Pequeno Cidadão, com Taciana Barros e Thadeu Meneghini, no dia 27 de outubro, a partir das 10h30, no hall térreo da BPP. Com duração de 50 minutos, o show terá a participação especial de 8 integrantes do Cantateca, o Coral Infantojuvenil da Biblioteca, em 4 canções.

Outro destaque da Flibi 2018 é um curso de narrativas, dividido em dois módulos durante 4 dias, das 14h às 17h. Carola Saavedra coordena a turma nos dias 22 e 23 de outubro e, de 24 a 25, a oficina segue conduzida por Milton Hatoum. Há 20 vagas disponíveis que serão abertas em breve a partir do site da Biblioteca.

O diretor da BPP, Rogério Pe-

reira, afirma que a Flibi resume em seis dias as atividades que a Biblioteca já realiza regularmente. “A Festa Literária é uma espécie de intensivo do que oferecemos ao público, contemplando diversas áreas e ampliando, ainda mais, o diálogo com a comunidade”, diz Pereira, lembrando que outras propostas, como projeção de filmes e curso para o público infantil, também integram esta segunda edição da Flibi — toda a programação está disponível no site da Biblioteca.

O curador da Flibi, Marcio Renato dos Santos, diz que este ano foi possível aprimorar ainda mais a Festa Literária. “Ampliamos a programação, contemplando artistas, escritores, historiadores e jornalistas nacionais e paranaenses. Há diversas linguagens, de performance à música e teatro. Mas, evidentemente, a ficção e a poesia estão presentes neste evento que presta homenagem a um prosador e poeta, o Jamil Snege”, comenta Santos, que ainda acrescenta: “O ecletismo dá o dom desta edição da Flibi”. ■

DE **22 A 27**
DE OUTUBRO DE 2018

Jibi

**FESTA
LITERÁRIA**

DA
BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

Mary Del Priore
Eduardo Bueno
Fernando Bonassi
Edyr Augusto
Milton Hatoum
Carola Saavedra
Jotabê Medeiros
Mel Duarte
Rubens Figueiredo
Giovana Madalosso
Rodrigo Garcia Lopes
Hélio Leites
Adélia Maria Woellner
Pequeno Cidadão Pocket
Selvática

2ª EDIÇÃO

MAIS DE 60 CONVIDADOS

**AUTOR HOMENAGEADO
JAMIL SNEGE**

GRATUITO



 /bpppr  /bpppr  @bpppr  impresa@bpp.pr.gov.br  (41) 3221-4900

• Biblioteca Pública do Paraná (Rua Cândido Lopes, 133, Centro, Curitiba, Paraná)